

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação



1290002190



FE

TCC/UNICAMP R618e

Elisabete Mishiko Sasaki Rodrigues

2005/3/24

**ESCOLA DE LÍNGUA JAPONESA: RETRATO DE UMA COMUNIDADE
NIPO-BRASILEIRA**

CAMPINAS

2004

UNIDADE:	FIC
Nº CHAMADA:	TCC UNICAMP
	26182
V:	EX:
TOMBO:	2190
PROC:	2612005
C:	P: X
PREÇO:	2811,00
DATA:	29/06/05
Nº CPD:	Bib. id 362 498

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

26182	Rodrigues, Elisabete Hishiko Sasaki.
SI38p	Escola de língua japonesa : retrato de uma comunidade nipo-brasileira / Elisabete Hishiko Sasaki Rodrigues. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.
	Orientador : Clara Germana de Sá Gonçalves Nascimento. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1. Migração japonesa – Pilar do Sul (SP). 2. Educação – Japão. 3. Cultura – Japão. 4. Etnicismo. I. Nascimento, Clara Germana de Sá Gonçalves. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	05-60

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

Elisabete Mishiko Sasaki Rodrigues



**ESCOLA DE LÍNGUA JAPONESA: RETRATO DE UMA COMUNIDADE
NIPO-BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para o curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas,
sob orientação da Profa. Dra. Clara
Germana de Sá Gonçalves
Nascimento.

CAMPINAS

2004

*Aos meus queridos avós paternos e
maternos que, como muitos imigrantes
japoneses no Brasil plantaram as
sementes para a construção de uma
história de muitas lutas e vitórias.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

Primeiramente, a **Deus**.

Aos meus pais, por tudo o que já fizeram por mim, vocês representam o início de tudo.

A Carol, por ser um eterno anjo em minha vida.

Ao Juliano, pela compreensão e amor incondicionais.

Aos meus irmãos, que mesmo longe, sempre me apoiaram e me incentivaram.

Aos meus avós, especialmente a *Batchan Takayo*, por me aconselhar a nunca desistir e sempre me apoiar nos estudos. É com orgulho que escrevo sobre a história de vocês.

Aos meus tios Neide e Hideo e primos Jú e Dê, pelo apoio, paciência e ajuda como uma segunda família desde o início da faculdade.

A Telma, querida e segunda mãe e sua família, pelo afeto e por me acolherem carinhosamente em sua morada sempre que precisei.

A Clara, pela amizade, pelas conversas, pelas orientações. Mesmo à distância você soube acompanhar e sobretudo, respeitar o processo de construção desse trabalho. Você é um exemplo de superação!

A Ma. Cristina, pelas leituras, conselhos, respeito e simpatia com que sempre me atendeu.

A Profa. Neusa, pelas primeiras orientações, pelo material cedido e por ter compreendido meus deslizes.

A Jôse, pelas caronas, por me acompanhar nas “cervejinhas” e por sempre me encorajar quando precisei.

A Eva, pelo trabalho de correção e apoio.

Aos entrevistados, que me receberam bem e me confiaram valiosas informações.

Ao *Nihongo-gakko*, especialmente a *Erina-sensei*, pelo carinho com que me receberam e me ajudaram nesta pesquisa.

Agradeço também àqueles que talvez eu possa ter me esquecido neste momento, mas que foram muito importantes e de alguma maneira contribuíram para este longo trabalho.

Enfim, sou eterna e especialmente grata a todos!

RESUMO

O objeto de nossa pesquisa é a Escola de Língua Japonesa de Pilar do Sul, criada por imigrantes e descendentes japoneses, para atender à demanda de escolarização nipo-brasileira. Os objetivos que perseguimos neste trabalho foram a reconstrução histórica da colonização e da associação nipônica formada na cidade de Pilar do Sul, bem como a caracterização da escola e a importância da educação em língua japonesa para a comunidade oriental deste município. Para a pesquisa foram utilizadas fontes escritas, realizadas entrevistas com japoneses e descendentes além de visitas na escola. Concluímos, nesta pesquisa, que o ensino da língua japonesa não visa somente o aprendizado do idioma, mas significa para toda a comunidade nipo-brasileira o resgate e a preservação dos valores culturais e sociais japoneses, considerada essencial para a manutenção da identidade étnica desta comunidade que se formou e se desenvolveu na pacata cidade de Pilar do Sul.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
<i>Por que a pesquisa com nipo-brasileiros da cidade de Pilar do Sul?</i>	
CAPÍTULO I.....	11
<i>A Imigração Japonesa para o Brasil</i>	
* Brasil, terra de imigrantes sonhadores	
* O que foi a Segunda Guerra Mundial para os japoneses	
<i>A colonização japonesa na cidade de Pilar do Sul</i>	
CAPÍTULO II.....	23
<i>História da Associação Cultural e Desportiva</i>	
<i>A questão da educação para os japoneses</i>	
CAPÍTULO III.....	32
<i>A Escola de Língua Japonesa</i>	
* Como tudo começou	
* As escolas da Colônia Tozan e Sul-Brasil	
* O espaço e a prática escolar	
<i>A língua japonesa para a comunidade nipo-brasileira de Pilar do Sul</i>	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
ANEXOS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

INTRODUÇÃO

O presente trabalho baseia-se na pesquisa realizada junto a uma Associação Cultural e Desportiva criada e mantida por japoneses e seus descendentes, na cidade de Pilar do Sul¹, interior de São Paulo.

Esta pesquisa tem como objeto uma instituição escolar de língua japonesa construída nos limites da Associação Cultural de japoneses, para atender à demanda de escolarização da comunidade nipo-brasileira da cidade.

Os objetivos que buscamos neste trabalho são a reconstrução histórico-social da instituição cultural japonesa, a caracterização do espaço escolar e de seu vínculo/relação com a associação e a importância social e cultural da língua japonesa preservada há muitos anos pela escola e pelo grupo japonês que se formou no município.

É a partir da história de formação da associação de japoneses e da escola de língua japonesa – no qual acreditamos, a socialização de descendentes é promovida em determinados contextos, considerando as especificidades do grupo, desde que se iniciou a colonização em Pilar do Sul -, que procuramos compreender a importância e as implicações sociais e culturais do ensino da língua japonesa para a própria comunidade, para os professores e para os alunos.

Por que a pesquisa com nipo-brasileiros de Pilar do Sul?

A pacata cidade de Pilar do Sul é o local no qual se iniciou a história de uma associação de japoneses que surgiu a partir da união e do esforço de um grupo de imigrantes que buscavam um “chão”, uma terra para fincar raízes.

Hoje, podemos dizer que as raízes foram realmente fincadas, se desenvolveram e encontram-se ramificadas através das gerações de descendentes japoneses que cresceram e, de alguma maneira, fazem parte da história dessa associação como também são frutos dela.

Tenho especial interesse pela comunidade nipo-brasileira desta cidade, por fazer parte dela e por ter participado (de uma forma ou outra) da trajetória de uma instituição que construiu uma louvável história de lutas, sofrimentos e também de vitórias. Enfim,

¹ A cidade de Pilar do Sul está situada na região Sudoeste do Estado de São Paulo, há aproximadamente 140 km da capital paulista. A pequena cidade – que na atualidade possui cerca de 25.000 habitantes – encontra-se numa região plana, é cercada por afluentes e possui clima ameno, propício à agricultura que, por sua vez, constitui principal fonte de renda da cidade.

além de ser nativa desta cidade e portanto, também possuir raízes nessa “terra”, me propus a pesquisar este grupo étnico por ter uma relação muito próxima dessa comunidade japonesa que se desenvolveu nessa localidade.

Ao mesmo tempo, entendo que essa relação – de ser uma brasileira com raízes culturais japoneses - é parte do processo em que se relacionam e convivem as culturas brasileira e japonesa, desde que se iniciou no Brasil a imigração japonesa. Acredito, portanto, que esse processo, de forma direta ou indireta, também faz parte da minha história, sendo eu, uma descendente de orientais; e parte fundamental e importante da pesquisa também, como educadora.

Quatro ou mais gerações de descendentes², atualmente, estão sucedendo os primeiros imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil há quase um século³. Acredita-se que os quase 100 anos de imigração japonesa no Brasil tenham abrazeirado cada vez mais os descendentes orientais. Entretanto, as tradições e as raízes culturais japonesas ainda mantêm-se muito fortes no interior das relações familiares e das relações entre a comunidade japonesa.

Através de determinados mecanismos as raízes culturais de imigrantes japoneses foram preservadas entre as gerações descendentes. Temos como exemplo dessa realidade o uso da comunicação com o idioma/língua japonesa, a preferência pela culinária oriental, a religião, os hábitos, os padrões de comportamento, conduta e formalidades, a participação em festas e comemorações tradicionais e, entre outros, o convívio com outros descendentes em locais como cooperativas, agremiações, associações e outros tipos de instituições sendo que, para muitos japoneses, a escola de língua japonesa constituiu-se a mais importante entre todos.

Dentre esses recursos citados acima, a associação de japoneses tem merecido destaque como uma instituição que, de certa maneira, centraliza o objetivo de preservação da cultura entre os descendentes japoneses, na medida em que representaria um conjunto de interesses e ideais comuns ao grupo organizado.

As associações japonesas em geral, destacam-se como locais para a realização de encontros, reuniões e confraternizações do grupo oriental, local em que também ocorre a manutenção dos seus valores culturais e sociais transmitidos de geração a geração.

² Os imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil a partir de 1908 pertencem a primeira geração que denominamos *Issei*. A segunda geração, ou seja, aqueles que já nasceram no Brasil, possui denominação *Nissei*. A terceira geração recebe o nome de *Sansei* e corresponde ligeiramente (não em sua totalidade) aos descendentes adultos que vivem na atualidade.

³ No Brasil a imigração japonesa iniciou-se em junho de 1908 com a chegada do Navio *Kasato-Marú*.

Para Brito (1997), é no interior “do contexto universal de relações entre classes, raça e etnicidade que os japoneses constroem e reconstróem suas tradições, associações, jornais, datas comemorativas, ações coletivas que são uma maneira de expressar e renovar sua identidade singular de grupo” (Brito, 1997:03).

Dada a importância social e cultural da associação para os japoneses, procuramos construir um olhar de pesquisa sobre a Associação Cultural e Desportiva de Pilar do Sul para, com uma visão mais detalhada da vivência de japoneses e descendentes, tentar compreender as relações que permeiam seu interior, bem como com a sociedade e o contexto em que está inserido.

Temos conhecimento de que a descendência de muitos brasileiros está ligada à vinda para o país de grande número de imigrantes⁴, de diversas nacionalidades, em várias localidades e regiões (principalmente para o Estado de São Paulo).

Os imigrantes japoneses, em especial, se instalaram em terras brasileiras e formaram cada qual, em sua aglomeração e conjunto, locais de busca da manutenção de seus valores culturais e interesses comuns; tendo a escola como um dos principais instrumentos para o alcance de seus comuns objetivos. Acreditamos, por isso, na importância em realizar uma pesquisa na instituição escolar criada e formada por japoneses e seus descendentes na cidade pilarense, como um fragmento da história dos japoneses imigrantes no Brasil, relacionando e ressaltando as particularidades vivenciadas na história de formação dos japoneses em Pilar do Sul.

Para a pesquisa na associação japonesa de Pilar do Sul e na escola de língua japonesa mantida em seu interior, os procedimentos adotados para a coleta de dados estiveram baseados em entrevistas com alguns japoneses e descendentes, nas análises de fontes documentadas e fotografias históricas. O gravador foi instrumento fundamental durante esse processo, além de outros recursos utilizados como o diário de campo e o registro fotográfico de alguns momentos vividos durante a pesquisa e na participação em alguns eventos culturais na associação.

A organização e a apresentação deste estudo está dividida em três capítulos.

⁴ Os movimentos migratórios tiveram início no Brasil a partir do ano de 1850, quando foi proibida a importação de escravos. Para suprir as necessidades de mão-de-obra da lavoura cafeeira em crescente expansão, inicialmente ocorreram imigrações de europeus com a entrada de alemães, suíços e, expressivamente, de italianos; como também de asiáticos, como os chineses (embora em no. muito reduzido). A partir de 1888, com a abolição dos escravos “*verificou-se verdadeira avalanche de imigrantes, constituindo-se os doze últimos anos desse século [XIX] o período mais intenso da entrada de imigrantes-colonos*” (Ando, 1976:112, grifo meu).

No primeiro capítulo fazemos um breve relato do contexto da imigração japonesa para o Brasil, procurando definir o momento em que alguns dos primeiros japoneses decidem se estabelecer na cidade de Pilar do Sul e o processo de colonização da cidade pela comunidade oriental.

No segundo capítulo caracterizamos a história da Associação Cultural e Desportiva criada pelos japoneses e descendentes da cidade. Descrevemos os momentos históricos importantes da trajetória de construção dessa instituição com destaque para o surgimento da necessidade de uma escola de língua japonesa que atendesse à demanda por esse tipo de escolarização.

As observações realizadas no espaço da escola japonesa, mantida pela associação estão presentes no terceiro capítulo desse trabalho. Procuramos descrever a prática pedagógica no ensino da língua oriental e compreender na realidade atual, os principais objetivos e aspirações de professores e alunos com relação ao ensino e ao aprendizado da língua japonesa.

As considerações finais, bem como indagações que a partir daí surgiram são relatadas na última parte deste trabalho.

CAPÍTULO I

A Imigração Japonesa para o Brasil

“As matas são sempre verdes, a neve jamais cai e o ouro brota da terra”⁵

(C.M. *apud* Sakurai, 1993:47, grifo meu).

Não foi por simples decisão que os japoneses deixaram sua pátria e suas raízes para morar em outro país, em outro continente.

O movimento migratório de japoneses tem sido analisado por diversos pesquisadores, não como um fenômeno isolado, mas como um processo interligado a um conjunto de fatores do contexto político-econômico mundial, enquadrado em meados do século XIX e início do século XX. As condições político-econômicas do Japão, que atravessava profundas transformações, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, com o advento da Restauração Meiji (1868)⁶, foram fundamentais no processo migratório de muitos orientais. O contexto histórico desse período nos permite compreender a história desse deslocamento, de forma geral, desde a saída dos japoneses de seu país de origem até a sua chegada e fixação em território receptor⁷.

Entretanto, neste capítulo daremos ênfase ao contexto histórico brasileiro, nos concentrando brevemente, nas condições gerais do início da saga japonesa no Brasil.

*** Brasil, terra de imigrantes sonhadores**

Terras vastas a explorar e povoar faziam o Brasil um país imigrantista por excelência. Já a produção cafeeira em favorável crescimento no final do século XIX e início do século XX, fazia o Estado de São Paulo o maior receptor de imigrantes (Nogueira, 1984).

O Brasil no final do século XIX atravessava dois importantes momentos históricos, de transformações políticas e econômicas com a abolição do trabalho escravo

⁵ Exemplificação de frase de propaganda das companhias emigratórias japonesas.

⁶ A Restauração Meiji ocorreu em 1868 e marcou o início da modernização política (com a queda do antigo governo *Shogunato de Tokugawa*) e econômica (com a abertura dos portos e industrialização) no Japão.

⁷ Ver especialmente Ando, Z. (1976) e Nogueira, A. R. (1984).

(1888) no período de transição do Império para a República (1889), e com a crescente expansão da lavoura cafeeira (setor que, basicamente, movia a economia brasileira na época) que, conseqüentemente, demandava mão-de-obra para sua produção em frentes pioneiras, especificamente no estado paulista.

O conjunto desses fatores político, econômico e também de ordem geográfica se entrecruzaram diretamente com a imigração de várias nacionalidades (a grande maioria de italianos) caracterizando-se como as principais condições que permearam o processo de movimentação migratória para o Brasil, especialmente à de japoneses.

Entretanto, mesmo o contexto político-econômico brasileiro favorável e atrativo à imigração nipônica, principalmente pela demanda urgente e em larga escala de mão-de-obra para a produção de café, muitas divergências políticas e sociais acarretaram vários fracassos no acordo entre governos brasileiro e japonês, até que se concretizasse de fato a imigração japonesa.

Após alguns anos, divergências e controvérsias superadas, finalmente, em junho de 1908 chegaram ao Brasil os primeiros japoneses imigrantes. Chegaram em sua grande maioria, com o coração cheio de esperanças e movidos por ilusões de riqueza no novo mundo (Sakurai, 1997). Na realidade, chegaram a um desconhecido.

Desde então a sorte estava lançada para o início de um histórico processo – de uma cadeia de relações entre duas diferentes culturas, de universos singulares de brasileiros e japoneses, de contrastes – num contexto que configurou a história de muitas gerações até os dias atuais.

Desde que desembarcaram no porto de Santos, os nipônicos espalharam-se em diversas regiões do país, concentrando-se sobretudo, nos Estados de São Paulo e Paraná. Nos locais onde se instalaram, desenvolveram-se cultural e economicamente ora em colônias e agrupamentos étnicos, ora integrando-se à realidade brasileira.

Podemos dizer que a imigração japonesa para o Brasil divide-se em etapas bem definidas historicamente. No período de 1908 a 1924, a entrada de japoneses caracterizou-se como experimental e temporária. Experimental, porque os governos brasileiro e japonês não sabiam até o momento, se a imigração nipônica teria sucesso em terras brasileiras. Foi temporária, porque a grande maioria dos japoneses tinha intenção de retornar ao país de origem, tão logo alcançassem seus objetivos, conforme nos informa Tsukamoto (1973):

“tais imigrantes em sua absoluta maioria, deixaram sua sociedade de origem com a intenção de retorno. Em outros termos, seu maior sonho era alcançar rapidamente o sucesso em seus países de destino, remeter o dinheiro ganho, para logo em seguida retornar à mãe pátria. Estava longe deles a intenção de permanência nos países de destino” (Tsukamoto in Saito, 1973:18).

O segundo período de entrada de imigrantes orientais ocorreu entre os anos de 1924 e 1941, sendo por volta de 1935 o ano em que houve maior fluxo da imigração japonesa para o Brasil, embora existisse uma cota, imposta pelo governo brasileiro no ano de 1934, restringindo a entrada de nipônicos. Esse período caracterizou-se, segundo Sakurai (2000), como o período de imigração tutelada, na medida em que passou a ser incentivada e subsidiada totalmente pelo governo japonês (com base em interesses político-econômicos); ao contrário do que, até então, vinha ocorrendo, pois antes era o governo brasileiro que financiava a viagem dos orientais:

“O corte nos subsídios à viagem de imigrantes japoneses por parte do governo de São Paulo poderia marcar também o fim desse fluxo para o Brasil. No entanto, é a partir desse momento que crescem as entradas e se inicia a imigração japonesa propriamente dita (...) e encontra-se no eixo daquilo que está sendo denominado de imigração tutelada” (Sakurai, 2000:215).

Os japoneses que imigraram nesse período não vinham mais diretamente para as fazendas de café, mediante contratos com os fazendeiros como colonos, como acontecia com os japoneses do primeiro período. Muitos japoneses chegaram ao Brasil, neste segundo período, como técnicos formados e independentes. Outros vinham mediante auxílio de agências ou companhias de emigração japonesas para se instalarem diretamente em colônias organizadas e financiadas pelo governo japonês em várias regiões do estado paulista; caracterizando, nesse sentido, a imigração tutelada referida anteriormente e que nos explica Sakurai (2000):

“Outro fator que determinou a vinda de famílias de todas as partes do Japão é o trabalho de propaganda das companhias de emigração. Agentes dessas companhias visitam autoridades locais para com a sua ajuda convencerem as pessoas sobre as vantagens da emigração para o Brasil. A tutela ocorre desde o seu local de origem –

aldeia, cidade – até o destino final, num movimento contínuo que se prolonga até o início da Segunda Guerra Mundial” (Sakurai, 2000:221).

É também nesse período, que os primeiros japoneses anteriores a 1924 – não mais vivendo na condição de colonos nas fazendas e com melhor situação financeira que no início – começavam a se tornar arrendatários ou a adquirir pequenas propriedades de terra para dedicarem-se à agricultura; o que também caracterizou a grande mobilidade social e econômica de japoneses no estado de São Paulo.

O processo de ascensão econômico social dos japoneses esteve diretamente relacionado à expansão agrícola paulista, em especial no avanço em direção a fazendas de café da oeste paulista, segundo Cardoso (1972):

“O início deste século [XX] foi um período de prosperidade e expansão agrícola para o Estado de São Paulo, pois o café, conquistando novas áreas, provocou um surto de urbanização e progresso – que pode ser acompanhado pelo avanço dos trilhos da Estrada de ferro” (Cardoso, 1972:30, grifos meus).

O dinamismo do movimento colonizador das frentes pioneiras e também a localização de estradas de ferro expressaram benefícios econômicos diretos e indiretos, como a necessidade de mão-de-obra nas lavouras de café, o aumento do número de pequenas propriedades, o surgimento de novas cidades e povoados, comércio de abastecimento e expansão de novos ramos de atividades, ou seja, “as estradas de ferro são abertas em função dos interesses cafeeiros e a partir delas se irradia o povoamento” (Sakurai, 2000:229).

QUADRO I

MOBILIDADE DOS IMIGRANTES JAPONESES NO ESTADO DE SÃO PAULO (1915-1955)

Local	Ano				
	1915	1925	1935	1945	1955
Borda do Planalto*	53,9	20,0	13,3	6,2	3,4
Litoral	4,6	12,1	6,3	3,7	3,5
Cercanias de São Paulo	1,2	3,6	5,2	7,6	11,8
Noroeste	5,9	28,8	30,6	21,8	12,3
Sorocabana	0,9	7,4	9,1	11,6	7,6
Alta Paulista	0,5	1,9	15,2	19,6	14,4

* antiga região cafeeira – oeste paulista.

Os dados do quadro acima demonstram o movimento geográfico dos japoneses em várias regiões paulistas, principalmente nas zonas pioneiras próximas às ferrovias.

Podemos observar que a região da Borda do Planalto é a que mais concentra japoneses no ano de 1915 devido ao desenvolvimento das lavouras cafeeiras no local e está compreendida no primeiro período da imigração japonesa (1908-1924), quando a grande maioria desse grupo trabalhava diretamente nas fazendas de café. Esta região vai aos poucos sendo abandonada pelos orientais à medida que os mesmos, já com alguma economia, dirigem-se a outras localidades na condição de arrendatários ou agricultores autônomos. É nesse período que se tem o início da segunda fase da imigração (1924-1941), com os japoneses dirigindo-se a outras localidades e atuando em outras atividades, diferentes da cafeicultura. Em seguida, na região Noroeste, em que, no período inicial era pouca a presença nipônica, desponta entre as décadas de 20 e 30 como um dos locais de maior mobilidade oriental, condicionada, principalmente, à abertura de ferrovias na região. Na área da Alta Paulista percebemos um aumento nas décadas de 30 e 40.

Podemos também observar que na região Sorocabana houve um pequeno aumento no número de japoneses no período da Segunda Guerra, posicionando-se em terceiro lugar como a região de maior mobilidade japonesa no período, ao mesmo tempo em que, as regiões de maior concentração como a Noroeste e a Borda do Planalto sofrem diminuição de japoneses no mesmo período.

É importante ressaltar que, a diminuição de japoneses nas regiões da Borda do Planalto (quando o café já não possui o mesmo prestígio econômico de anos anteriores, concorrendo com a produção de outros gêneros agrícolas como o algodão e a horticultura) e da Noroeste (principalmente a partir da década de 50, após a guerra) ocorre quando muitas famílias de japoneses já se encontravam com melhores condições financeiras, a ponto de poderem se mover para outras localidades e na procura por cidades mais desenvolvidas, como São Paulo e suas proximidades, onde podem proporcionar educação mais elevada aos filhos e descendentes.

A trajetória de ascensão social dos japoneses, no sentido da transferência da zona rural para urbana, confirma que a mobilidade geográfica está apoiada num objetivo comum para muitas famílias: buscar condições satisfatórias de escolarização dos filhos. É o que afirma Cardoso (1972):

“A preocupação com o destino dos mais jovens é a razão fundamental do abandono do campo, pois os nisseis irão terminar este processo de ascensão tão bem sucedidos procurando elevar seu nível educacional e dedicando-se a profissões de mais prestígio” (Cardoso, 1972:81).

Entretanto, mesmo nas cidades, o esforço de todos os membros familiares para o trabalho é intenso, pois é necessário garantir e manter a ascensão conquistada na zona rural. O trabalho árduo, tanto no campo como na cidade torna-se mais acentuado quando o motivo é a escola para os filhos mais novos, ou aqueles mais aptos ou inclinados aos estudos. Os pais e, geralmente o filho mais velho (que no sistema hereditário japonês, deve suceder os negócios e o nome da família) permanecem trabalhando (alguns ainda na zona rural) para garantir aos mais novos a frequência à escola (Cardoso, 1972).

Compreendemos dessa forma que, a transferência de determinadas famílias ou de apenas um membro da família para a cidade se justifica na necessidade de envio dos filhos à escola e assim, avançando os níveis escolares, possam exercer profissões liberais privilegiadas, diferentes do trabalho sofrido dos pais e avós no campo. Veremos adiante a importância da educação para muitas famílias de japoneses, especialmente aquelas que se estabeleceram na cidade de Pilar do Sul.

Entre outras, estas foram as condições oportunas que atraíram grande contingente de imigrantes, sobretudo japoneses, na expansão pioneira e que os mesmos souberam aproveitar para alcançar determinado grau de ascensão social enfrentando também muitas dificuldades, principalmente com o advento da Segunda Guerra Mundial.

A colonização e o desenvolvimento de japoneses na cidade de Pilar do Sul⁸

⁸ Os dados referentes à colonização japonesa em Pilar do Sul, relatados neste capítulo, estão baseados no livro sob o título de “Colonização e Desenvolvimento Nipo-Brasileiro de Pilar do Sul (1945-1995)”. Trata-se de um documento que contém um levantamento histórico completo realizado no ano de 1994 pela própria comunidade oriental (por ocasião da comemoração de cinquentenário da colonização japonesa em Pilar do Sul), sobre a história de formação e desenvolvimento do seu próprio grupo na cidade. Este exemplar possui dados como tabelas, relação de associados e líderes importantes da associação, ata de reuniões e encontros importantes, levantamentos quantitativos divididos em categorias, registros fotográficos e depoimentos de membros associados à comunidade. Utilizamos esse documento

O processo de mobilidade social, econômico e geográfico de japoneses no Estado de São Paulo, conforme observamos no quadro I, nos dá uma base para compreendermos a história da colonização japonesa de Pilar do Sul.

Muitos japoneses que chegaram ao município, no período pós-guerra (a partir do ano de 1945, como veremos adiante) vieram de localidades diversas do estado paulista como também de outras regiões do Brasil, confirmando que a mobilidade de japoneses não ocorreu somente no estado paulista:

“Os japoneses que durante a guerra sofriram restrições na sua movimentação, começaram, no pós-guerra, um crescente movimento migratório dentro do território brasileiro” (Uma Epopéia Moderna, 1992:377).

Por se tratar de um período ainda conturbado pelos efeitos da Segunda Grande Guerra, principalmente para os japoneses inseridos no processo de mobilidade e justamente no momento em que os primeiros orientais chegavam à cidade de Pilar do Sul, podemos brevemente comentar sobre algumas conseqüências sentidas pelos nipônicos, alguns dos quais se instalaram nesta cidade e tiveram alguma relação com o recente período de guerra, na época.

*** O que foi a Segunda Guerra Mundial para os japoneses**

A Segunda Guerra Mundial constitui um grande marco de referência à imigração de japoneses no Brasil. Esse histórico momento, de implicações sociais, econômicas e políticas mundiais, caracterizou-se, para muitos imigrantes orientais e suas famílias no Brasil, como um “divisor de águas”. Isso porque no período anterior à guerra, senão todos, a grande maioria dos nipônicos tinham em seus planos, o desejo e a intenção de retorno ao Japão, logo que alcançassem uma boa situação financeira. Esse almejo começou a ser repensado na medida em que as dificuldades de adaptação, do difícil trabalho nas lavouras de café e da desanimadora perspectiva de economia dos orientais apontavam para a necessidade de anos prolongados no Brasil (além do que previam quando chegaram), até conseguirem economizar o suficiente para retornar à pátria de origem. Mas, à medida que o curso da guerra dava sinais de derrota do Japão e

(cedida pela própria associação japonesa), como uma importante fonte para essa pesquisa, por conter dados qualitativos e quantitativos importantes da história dos japoneses em Pilar do Sul.

finalmente, com o desfecho dela com a destruição da pátria do oriente, o sonho de retorno foi definitivamente abandonado pelos japoneses imigrantes que viviam no Brasil.

Outra conseqüência da guerra está relacionada ao problema da discriminação, perseguição e restrições impostas pelo governo brasileiro que muitos imigrantes, especialmente os nipônicos tiveram de enfrentar nesse conturbado período em que Brasil e Japão estavam em lados opostos.

Por outro lado, outra questão a se ressaltar é que, se a Segunda Guerra provocou mudanças nos planos do imigrante, fazendo com que desistisse do retorno ao seu país de origem, isso poderia ter também influenciado toda a questão da mobilidade do grupo japonês, na medida em que, “desiludido” com as conseqüências da guerra e sendo quase que obrigado pelas circunstâncias a não retornar ao Japão, o imigrante japonês, de início, viu-se então, diante da realidade de criar raízes no novo país e adotá-lo para construir definitivamente sua nova vida, sem contar com a possibilidade de voltar à pátria. Portanto, a guerra também poderia ter impulsionado a busca pela mobilidade social e geográfica e ter constituído um reforço no processo de integração dos japoneses e seus descendentes, combinado é claro, a outros fatores do contexto político e econômico no Brasil.

Ainda com relação às conseqüências do final da Segunda Guerra Mundial surgiu entre os imigrantes orientais no Brasil uma radical segregação no interior do grupo de *nikkeis*⁹, denominado *Shindo-Renmei*¹⁰, que se caracterizava como uma facção baseada numa ideologia nacionalista que defendia a tese de que o Japão seria um país imbatível militarmente e que por isso, não poderia ter sido derrotado na guerra. Esta facção provocou uma divisão no interior do grupo japonês, separando os orientais em *Katigumi* (os que não admitiam a derrota do Japão) e *Makegumi* (os japoneses conformados com o desfecho da guerra); espalhando temor e desconforto entre os nipônicos, pois o extremado grupo *Katigumi* chegou a assassinar alguns de seus próprios conterrâneos (os *Makegumi*) durante o conturbado período em que dominavam nas colônias ou agrupamentos de japoneses, confirmando uma atitude radical semelhante à de

⁹ *Nikkei* é a autodenominação da própria comunidade japonesa que vive no Brasil (Nakamoto, 1998).

¹⁰ *Shindo-Renmei* denominado “Liga dos Seguidores do Caminho dos Súditos” composta por elementos nipônicos chamados vitoristas (*Katigumi*).

*Kamikazes*¹¹, pois, a *Shindo-Renmei* utilizava-se de “rapazes dispostos a dar a vida pelo Japão e pela família Imperial” (Morais, 2000:156).

Em meio a esse conturbado período, ao final da Segunda Grande Guerra, no ano de 1945, é que chegaram as primeiras famílias de japoneses para se estabelecerem na cidade de Pilar do Sul. Chegaram, inicialmente, apenas três famílias de orientais, das quais somente uma (entre as três primeiras) permanece até hoje na cidade.

“[Sr.] Eizo Nagahama veio de Santo Amaro com toda a mudança num caminhão ao fim da 2ª. Guerra. Na época era proibida a circulação de jornal japonês e notícias em japonês no rádio. Era difícil saber das verdadeiras novidades do Japão. Os Katigumi acreditavam firmemente que o Japão havia ganhado a guerra e dominavam sobre os Makegumi. No meio dessa confusão é que as três [primeiras] famílias vieram de mudança como agricultores” (CDNPS¹², 1995:137, grifos meus).

A partir da instalação dos primeiros japoneses, outras famílias de imigrantes nipônicos começaram a chegar no município, nos anos seguintes, num processo quase contínuo, pois quase todos os anos chegavam novas famílias de japoneses. À medida que chegavam, procuravam se concentrar no mesmo bairro rural ou em bairros próximos.

Segundo depoimentos relatados no documento CDNPS (1995), os japoneses vinham de localidades diversas do Estado de São Paulo como de outros estados brasileiros. As três primeiras famílias japonesas chegaram de Itapeceira da Serra e de Santo Amaro/SP. Os japoneses que chegaram na sequência vinham de cidades paulistas como Paraguaçu Paulista, Tupã, Ibiúna, Guapiara, Piedade, Cotia, Santo Anastácio, Álvares Machado; e de cidades de outros estados como Tomé Açu (Pará), Santana do Itararé (Paraná) e Douradinho (Minas Gerais). Temos também exemplos de japoneses que vinham da Alta Sorocabana, região em que também tivemos ocorrência de mobilidade de orientais no período da guerra, conforme vimos no quadro I:

¹¹ *Kamikazes* foram os pilotos militares japoneses da Segunda Guerra, que suicidavam-se nos campos de batalha, chocando o próprio avião que pilotavam contra o exército de países do grupo Aliado, inimigo ao Japão.

¹² Para facilitar a leitura e o entendimento das citações acima, o título “Colonização e Desenvolvimento Nipo-Brasileiro de Pilar do Sul (1945-1995)” foi abreviado para CDNPS (1995).

“Cheguei em Pilar com 19 anos de idade, no dia 11 de dezembro de 1947, proveniente da Alta Sorocabana. Meu pai chegou no Brasil em 1923. Nasci em Álvares Machado, mas até eu nascer meu pai passou por várias fazendas [de café]. Chegando em Paraguaçu Paulista começamos a prosperar” (CDNPS, 1995:217, grifo meu).

Outro exemplo, alguns anos mais tarde:

“Em 1951, [Sr.] Guiiti Watanabe, chamou três famílias [japonesas] da Alta Sorocabana e fez com que plantassem tomates no seu sítio em sistema de meia” (CDNPS, 1995:141, grifos meus).

Boa parte dos japoneses que chegavam, logo de início adquiriam propriedades de terras, de variadas extensões, para se instalarem – denotando uma situação financeira que possibilitava a compra:

“O Sr. Kiiti Fukushima veio de Ibiúna, em 1946. Comprou um sítio de 80 alqueires entre os rios Turvo e Pinhal” (CDNPS, 1995:137).

Alguns chegavam a impressionar os próprios conterrâneos:

“Em 1962, [Sr.] Yosuke Yasuda, proveniente de Santo Anastácio comprou os 200 alqueires de terra de [Sr.] Tadao Kimura, à vista. Este fato causou espanto geral. Depois de alguns anos repartiu este terreno entre todos os filhos” (CDNPS, 1995:139, grifos meus).

Havia alguns que, em condições econômicas inferiores, chegavam e começavam como arrendatários e, posteriormente, economizando, compravam terras próximas de outras famílias japonesas:

“[Em] 1954, Katsura Yamamoto veio de Piedade, morar num sítio arrendado pelo Sr. Majima. Plantou tomate durante quatro anos. [Posteriormente] comprou um sítio perto do rio Pinhal, com 30 alqueires” (CDNPS, 1995:138, grifos meus).

Outros iniciavam o trabalho na lavoura e depois mudavam de ramo:

“Em 1957, Shohei Nakano veio de Guapiara morar em Dois Portões [bairro], plantando tomates em terras arrendadas. Após dois anos enriqueceu e comprou um bar no centro de Pilar, tornando-se comerciante. Mais tarde, mudou de ramo, abrindo uma loja de roupas” (CDNPS, 1995:138, grifo meu).

Entretanto, a grande maioria dos japoneses que se estabeleceram na cidade começaram trabalhando na lavoura de variados gêneros agrícolas e permaneceram atuando na agricultura, onde se desenvolveram-se economicamente utilizando técnicas de plantio no cultivo de verduras, cereais e, principalmente frutas.

É importante destacar que, nesse período inicial de colonização, os japoneses procuravam se organizar estabelecendo uma rede de ajuda mútua e de cooperação, através de vínculos familiares e de parentesco ou de amizade entre as famílias. A partir da instalação e do progresso econômico de uma determinada família de japoneses esta, informava parentes ou amigos da prosperidade do local, atraindo-os, para que também se estabelecessem na cidade. Também procuravam dividir ou compartilhar propriedades de terra que possuíam:

“Em 1954, de Ibiúna veio [o Sr.] Yasukiti Maruya, que recebeu uma parte do sítio do irmão [o Sr.] Iisuke e aí se estabeleceu. Depois de cinco anos Iisuke abriu um bar na cidade” (p.138).

“o Sr. Kokabu veio de Ibiúna. Em parceria com [o Sr.] Kokiti Kawabata compraram um sítio que repartiram entre si” (p.139).

“Em 1963, Tadashi Yasuda veio de Santo Anastácio, atrás do irmão Yosuke. Plantou tomates no sítio do irmão durante dois anos. Daí comprou um sítio perto do rio Pinhal para onde se mudou” (CDNPS, 1995:139).

Cardoso (1972) explica que, na condição de arrendatários ou pequenos proprietários de terra, os japoneses mantiveram os valores de cooperatividade presentes nas relações que passaram a ter com os conterrâneos, amigos e parentes quando expressavam conselhos, sugestões ou orientações que visavam ajudar o outro pertencente ao mesmo grupo. Assim, os japoneses passaram a se concentrar em determinadas regiões para, com o tempo, formarem as colônias japonesas.

A intenção dos japoneses era formar agrupamentos culturais homogêneos, que tinham como núcleo uma associação, uma cooperativa ou mesmo uma escola de língua

oriental. Estes funcionavam como equipamento sócio-cultural na comunidade, na medida em que faziam um “intercâmbio” ou mediavam a comunicação entre membros da colônia e a sociedade em que estavam inseridos.

Complementando esse raciocínio, os japoneses sentiam-se solidários àqueles que, sabidamente, viveram as mesmas dificuldades quando chegaram ao Brasil, além de pertencerem ao grupo com o qual se identificam etnicamente:

“Através das relações pessoais é que se constrói uma rede de ajuda mútua que aumenta seu tamanho e eficácia por estar sancionada por uma comunidade étnica (...) Para os japoneses, o conteúdo dessa identificação étnica consiste na consciência de passado comum e de mesmo universo cultural que os distingue dos demais componentes da sociedade brasileira” (Cardoso, 1972:146).

CAPÍTULO II

História da Associação Cultural e Desportiva de Pilar do Sul

Conforme vimos no capítulo anterior, a partir da chegada dos primeiros japoneses em Pilar do Sul, outras famílias orientais passaram a se estabelecer na cidade ano após ano. Alguns japoneses fixaram-se em locais isolados e outros procuraram se instalar no mesmo bairro rural de conterrâneos ou bairros próximos.

Alguns anos mais tarde, nos bairros onde houve concentração de algumas famílias japonesas, iniciou-se a formação de colônias de japoneses. E através da união entre as famílias, os japoneses organizaram rapidamente, no interior das colônias, associações e escolas de língua japonesa.

De acordo com Cardoso (1972), ao formar agrupamentos culturais homogêneos, os japoneses estabeleciam como núcleo uma associação, uma cooperativa ou mesmo uma escola de língua oriental. Estes funcionavam como equipamento sócio-cultural na comunidade, na medida em que exerciam um “intercâmbio”, mediando a comunicação e a relação entre membros d colônia e a sociedade em que estavam inseridos:

“Os núcleos de imigrantes se formam ao redor das cooperativas ou outras associações menores (por exemplo, de jovens, de senhoras, de ajuda mútua, etc.) e este é um dos caminhos pelos quais ganha consistência a idéia de colônia japonesa (...) a solidariedade informal [fez] surgir os limites (ideais é certo) da colônia japonesa; e dentro dela, mais uma vez, as associações retomaram suas funções coordenadoras, organizando a comunicação da comunidade com o mercado e a sociedade nacional” (Cardoso, 1972:129, grifo meu).

Entre as colônias japonesas, as de maior destaque em Pilar do Sul, foram a Colônia “Sertão”, Colônia da Barra e a Colônia Tozan. Segundo o livro CDNPS (1995), as Colônias Sertão e da Barra tiveram início no mesmo ano de 1947:

“Distante 15 km de Pilar do Sul, na Serra do Mar havia a fazenda Moquéim. Seu dono era um judeu muito cauteloso. Ele recebera uma concessão de 1.500 alqueires de terra coberta pela Mata Atlântica, com árvores de mais de 20 metros de altura, úmida e escura por baixo. Algumas centenas de alqueires foram desmatadas e compradas pelo

Sr. Sakuyoshi Kubo, vindo de Paraguaçu Paulista. Este foi o início da colônia “Sertão”. Em seguida chegaram [Sr.] Tomijiro Takahashi, [Sr.] Kiyoshi Hasegawa e [Sr.] Taiti Kawakami que se dedicaram a lavoura” (CDNPS, 1995:141, grifos meus).

Na Colônia da Barra, a família do Sr. Ushijima foi a primeira a se instalar no bairro, dando início à colonização do local. O Sr. Ushijima mostrava-se uma pessoa isolada da comunidade oriental, porém muito respeitado pelos conterrâneos devido à sua ascendência *Katigumi*:

“O Sr. Ushijima foi o pioneiro. (...) Comprou um sítio de 40 alqueires na Barra [bairro], aí se instalando com a família. Com sua personalidade dominante resolvia os problemas de todas as famílias nikkeis que foram se instalando. Ninguém reclamava do que ele fazia e o obedeciam em tudo. Era o “Katigumi”, nunca participou das reuniões dos japoneses da cidade” (CDNPS, 1995:142, grifo meu).

Já a Colônia Tozan, pertence politicamente à cidade vizinha de São Miguel Arcanjo e foi colonizada a partir da atuação da Companhia Tozan¹³. Porém é citada no livro CDNPS (1995) como um caso isolado, porque muitas famílias e descendentes de japoneses dessa colônia – ignorando o problema limítrofe entre São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul – têm participação significativa e ativa em atividades econômicas e políticas da cidade pilarense, inclusive mantendo relações com a associação japonesa de Pilar.

O caso da formação da Colônia Tozan reforça a questão da atuação e influência das companhias colonizadoras japonesas, que foram fundamentais no surgimento de colônias japonesas e associações, conforme a afirmação de Cardoso (1972):

“Neste processo de aglutinação das famílias dispersas assumem grande importância as empresas japonesas que organizaram a colonização de certas regiões que, facilitando aos imigrantes nipônicos a compra de pequenas propriedades contíguas, permitiram a formação de núcleos etnicamente homogêneos” (Cardoso, 1972:126).

¹³ Esta foi uma das empresas colonizadoras japonesas que atuavam diretamente no Brasil, para formar colônias de japoneses com base em interesses puramente econômicos por parte do governo oriental.

Também merecem destaque, duas grandes fazendas onde ocorreram loteamentos de terras para japoneses: a Fazenda Sul-Brasil (localizada no bairro Pinhal/zona rural) e a Fazenda Bandeirantes. Estes são exemplos diferenciados de colonização japonesa na cidade (com relação às outras colônias independentes que existiam no município), pois as fazendas foram adquiridas, respectivamente, pela Cooperativa Sul-Brasil (em 1958) e Cooperativa Bandeirantes (em 1966) e estas, com base em interesses econômicos de expansão agrícola na região, vendiam os lotes (pequenas propriedades de terra ou sítios) para famílias de japoneses interessadas e que quisessem se associar à cooperativa agrícola.

“A Cooperativa Agrícola Sul-Brasil, através de seu chefe de departamento de colonização, Sr. Massanori Karazawa, comprou uma fazenda às margens do rio Pinhal. Essa fazenda com 80 alqueires foi loteada em sítios menores. Muitos japoneses de antes e pós-guerra interessados, vieram observar o local, que foi preenchido rapidamente. Nesta época [1958] Pilar do Sul era um centro produtor de tomate e batata. A Cooperativa Central e a Cooperativa Bandeirantes tinham como meta expandirem-se através da produção agrícola dessa região” (CDNPS, 1995:143, grifo meu).

Em Pilar do Sul, além das duas cooperativas citadas acima houve também uma grande atuação da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC)¹⁴, que basicamente apoiou todo o desenvolvimento econômico agrícola dos japoneses e da própria cidade de Pilar, desde o momento em que se instalou na cidade até o seu declínio na década de 90. Através de incessantes estudos técnicos e pesquisas agronômicas dos nipônicos da cooperativa para a melhoria de semente e adubos, os produtores rurais japoneses de Pilar puderam prosperar na agricultura, cultivando diversos gêneros agrícolas, alcançando em pouco tempo, um prestígio nacional na área de produção de frutos, verduras e legumes. A CAC também ajudava os produtores no transporte das mercadorias com menor custo para a comercialização em grandes cidades, como São Paulo. Entre os principais objetivos da CAC “introduzir continuamente mais imigrantes do Japão era uma necessidade a longo prazo, visando a formação de elementos humanos

¹⁴ A CAC, Cooperativa Agrícola de Cotia foi fundada em 1927 por um grupo de japoneses (plantadores de batata) das proximidades da cidade de São Paulo, inicialmente com o nome de “Sociedade de Responsabilidade Limitada dos Produtores de Batata em Cotia S/A.” fundada “com o fito de proteger os lavradores nipônicos das arbitrariedades dos comerciantes intermediários” (Ando, 1976:193).

capazes de dar continuidade à organização e seu desenvolvimento em bases fiéis ao ideal cooperativista” (*Uma Epopéia Moderna*, 1992:386-7).

A espírito de união articulada pelos nipônicos não visava somente interesses econômicos, como o que foi empreendido pela CAC, em Pilar do Sul. Da mesma forma, a formação de colônias através do agrupamento de famílias japonesas não bastava para suprir as necessidades culturais do grupo étnico japonês que cada vez mais se integrava à realidade brasileira. Os japoneses sentiam, na realidade, a necessidade de unir forças para alcançarem seus objetivos individuais e coletivos. Para isso, precisavam de um equipamento sócio-cultural que empreendesse a realização de objetivos comuns na colônia.

A organização de associações no interior das colônias japonesas expressa basicamente o espírito de união e solidariedade que envolvia as famílias e as gerações com a mesma descendência oriental, centralizando e ressaltando seus interesses comuns e fortalecendo o grupo em seu conjunto perante a sociedade envolvente.

Este tipo de ocorrência também esteve presente em Pilar do Sul. A concentração dos japoneses em colônias ou loteamentos não foi suficiente para que os mesmos continuassem trabalhando e até mesmo prosperando social e economicamente na cidade. Logo surgia a necessidade de criarem um local para reuniões, encontros e comemorações festivas, próprios de sua condição cultural e étnica; ideal comum na comunidade japonesa em geral.

Assim, seguindo essa tradição japonesa de união entre “iguais” para a formação de uma instituição associativa baseada em interesses comuns, os nipônicos estabelecidos em Pilar também criaram uma associação, que denominavam *Kaikan*¹⁵. A primeira associação japonesa de Pilar do Sul foi construída na Colônia “Sertão”, a partir da união das famílias que já estavam instaladas no bairro:

“Em 1949 já havia 10 famílias morando, sendo possível organizar um seinen-kai (associação de jovens). Foi eleita uma diretoria, sendo o presidente o Sr. Koju Araki. Para a construção do Kaikan, os associados derrubaram árvores, transformando-os em vigas e tábuas. Este Kaikan foi usado como escola de língua japonesa e local de reuniões de associados” (CDNPS, 1995:141).

¹⁵ *Kaikan*: Kai= associação/ kan= recinto; ou seja, recinto da associação.

Segundo o livro CDNPS (1995), os moradores japoneses escolheram um local de fácil acesso e nível elevado para a construção da associação *Kaikan*:

“Neste local foi levantada uma modesta construção de madeira, obra da cooperação de todos os japoneses residentes no local” (CDNPS, 1995:153).

Além de funcionar como um local de encontros e reuniões da associação de japoneses, esta construção abrigava simultaneamente a escola de língua japonesa do bairro. Também eram realizadas no local sessões de cinema, que atraíam todos os japoneses da região.

De acordo com os registros do CDNPS (1995), na Colônia da Barra também foi organizada uma associação, sem revelar, porém se havia uma construção própria para reuniões do grupo do bairro. Havia, no entanto, aulas de língua japonesa para 14 ou 15 alunos (entre os anos de 1952-1955) no interior do sítio do Sr. Ushijima, o pioneiro do bairro da Barra, onde também:

“Neste sítio havia sessões de cinema mudo em que era necessária a presença de um narrador que ia contando os acontecimentos que se passavam na tela” (CDNPS, 1995:154).

Oito anos após a Segunda Guerra e a chegada dos primeiros japoneses em Pilar do Sul, no ano de 1953, foi realizada uma reunião entre alguns japoneses para a organização e construção de uma associação central dentro da cidade, onde também funcionaria uma escola japonesa central. Segundo o livro CDNPS (1995), aguardou-se, após a guerra, que os ânimos fossem acomodados entre os radicais *Katigumi* e os moderados *Makegumi* para a realização da primeira reunião de formulação e elaboração de um estatuto para reger a futura associação nipônica:

“No barracão do Sr. Oomori realizou-se (...) esta primeira reunião, em 2 de fevereiro de 1953, com 30 presentes” (CDNPS, 1995:154).

Deu-se assim, o primeiro passo para a união de membros das colônias “Sertão”, da Barra e de moradores japoneses do bairro Pinhal, para a formação de uma única colônia, de uma colônia unificada, com os objetivos de fortalecer a associação de

japoneses e centralizar os interesses comuns da comunidade de *nikkeis* que começava a ganhar destaque na região.

Em 5 de abril do mesmo ano, aprovada oficialmente o plano de construção do *Kaikan*, os japoneses começaram rapidamente a se mobilizar, convidando todos os outros moradores orientais da região para a coleta de doações financeiras para a empreitada. Foi também solicitada, a prefeitura da cidade, a doação de um terreno para a construção da associação, que obteve sucesso com o empenho de dois japoneses e da simpatia da autoridade local da época:

“Os Srs. Okita e Takakussa conseguem da prefeitura a doação de um campo. O prefeito da época, o Sr. Gabriel Válio era um prefeito que simpatizava com a colônia japonesa” (CDNPS, 1995:155).

Por meio de doações e da união de todos os japoneses moradores da região, através do sistema de mutirão, a associação central foi inaugurada em agosto de 1953, com a participação de 48 fundadores e associados e, a realização do primeiro evento artístico japonês de notoriedade na cidade, com apresentação de teatros, danças e cantos¹⁶. Na mesma construção do *Kaikan* passou a funcionar a escola de língua japonesa do centro, como era denominada na época.

Aproximadamente dez anos mais tarde, em 1964, surgiu a necessidade de construção de um novo *Kaikan*, pois o “velho” *Kaikan* estava pequeno para a realização de eventos e reuniões com todos os associados, que já existiam em número superior ao da inauguração da associação. A CAC (Cooperativa Agrícola de Cotia) possuía um grande prédio nas imediações do *Kaikan* e cedeu o local para a associação de japoneses, porém os mesmos, sentindo-se pouco à vontade com o empréstimo do prédio decidiram por uma nova construção para abrigar a associação.

As reuniões para aprovação do projeto, as mobilizações para o acréscimo de terreno para uma construção maior e as arrecadações de fundos iniciaram-se no ano de 1969 prolongando-se até o ano de 1975, quando foi efetivamente dado início à construção do novo *Kaikan*, com a designação de uma comissão responsável pela construção.

¹⁶ O *Kaikan* é apenas uma denominação comum dada ao local em que se abriga a associação. A associação japonesa de Pilar registrou o *Kaikan* com o nome de “Associação Cultural e Desportiva de Pilar do Sul”.

Nesse momento, em que a comunidade atravessou um processo de construção de uma nova associação *Kaikan* notamos que as relações de cooperatividade e de ajuda mútua surgem novamente no interior do grupo, constituindo a união de todos os associados num momento histórico, de busca para a concretização de objetivos comuns: “A lavoura estava sofrendo uma grande seca, seguida por uma forte geada em 26 de julho [1975]. Com todas essas calamidades, a comissão ficou receosa, mas os associados continuaram fazendo suas doações. Isto animou bastante a continuidade dos trabalhos” (CDNPS, 1995:158, grifo meu).

Superando vários obstáculos, como a alto índice de inflação na economia da época e empenhando esforços de toda a comunidade, finalmente no ano de 1976 a obra foi concluída, substituindo o velho *Kaikan*, que fora anteriormente demolido:

“A inauguração deu-se em 4 de setembro de 1976. Juntando-se todos os nikkeis de Pilar do Sul mais os convidados, estimou-se em 3.000 o número de presentes, nesta inauguração. Era a época em que os ipês florescia. Este acontecimento tão ansiosamente aguardado trouxe alegria a toda a Colônia Japonesa” (CDNPS, 1995:159).

Para os empreendedores japoneses que se dedicaram e se esforçaram na construção do novo recinto, ficou um sentimento de “dever cumprido”, que mesclava orgulho, satisfação e preocupação com as gerações que se sucederiam dali por diante: “Será um exemplo a ser seguido pelas próximas gerações que irão desfrutar deste tesouro cultural” (CDNPS, 1995:159).

A questão da educação para os japoneses

Os japoneses apresentam certas peculiaridades, presentes na forma como se organizam social e culturalmente num novo e diferente ambiente, que é o Brasil, formando grupos homogêneos e construindo um “mundo” que revive o seu passado cultural da terra de origem, através da preservação da língua, dos costumes e organizações típicas do Japão. De acordo com Nakamoto (1998), eles estabeleceram na terra de adoção uma espécie de “transplante cultural”, na medida em que passaram a reproduzir, a partir de um modelo considerado ideal, “grande parte da organização e forma de vida da terra de origem” (Nakamoto, 1998:20).

A educação, dessa forma, é parte integrante fundamental da bagagem cultural trazida pelos japoneses imigrantes e logo após alguns anos no Brasil, foi considerado um empreendimento e uma responsabilidade a ser assumida por todos os nipônicos: “Parte daí as diferentes iniciativas tomadas pelos imigrantes para fazer frente à necessidade de educar as crianças, com ou sem as escolas” (Nakamoto, 1995:32).

Para os japoneses, a educação expressa a idéia de “vencer na vida”, superar as adversidades e conquistar a ascensão social. Ela é ao mesmo tempo, algo inerente à sua cultura oriental, considerada para muitos uma etapa vital e obrigatória, tão importante quanto o alimento e o trabalho do dia a dia, conforme afirma Sakurai (1993): “A resignação pelo destino adverso vem aliada à força de vencer, mesmo aqui no Brasil, para garantir um futuro melhor para os filhos. O trabalho é o veículo e a educação o meio para atingir esse fim” (Sakurai, 1993:58).

A organização de escolas japonesas no Brasil significava, portanto a delimitação de uma nova etnia que se fazia presente no campo educacional brasileiro, redefinida segundo Nakamoto (1998): “num processo de reconstrução social que exige, de um lado, a “conservação de lembranças”, e de outro, a “auto-identificação” do grupo como reconhecimento da condição de sua existência numa sociedade marcada pela distintividade”(Nakamoto, 1998:28).

É importante ressaltar também que, a implantação do ensino japonês, no início, era influenciado e impregnado de ideais nacionalistas do oriente, principalmente para os imigrantes que chegavam antes da Segunda Guerra Mundial, pois estes, “orientavam-se segundo a escolarização recebida no Japão (...) Assim sendo, deveriam seguir o exemplo dos “bons” japoneses para desenvolver a mente das crianças em direção aos atributos das virtudes como devoção filial, obediência aos mais velhos, amizade, modéstia, fidelidade, coragem” (Nakamoto, 1998:24).

Um exemplo da influência desses ideais, está presente no relato de um de nossos entrevistados durante a pesquisa:

“Aquele ensino que a gente recebeu (...) hoje não existe (...) era o Shushin. Shushin é uma aula diferente do normal. [É um] livro, (...) ensina o oya kô-kô. Você não sabe, né? Oya kô-kô quer dizer: obedeça o pai e a mãe, ajuda o pai e a mãe, sempre dá valor aquela pessoa, é mais ou menos explicado assim, por face, né. (...) Essas coisas no Japão, no antigo Japão era muito usado” (Entrevistado R.T.).

Além dos termos *shushin* e *oya kô-kô*, o entrevistado também citou o termo *Yamato damashi*:

“*Yamato damashi* é mais ou menos preparar o espírito, né (...) era um espírito preparado para a guerra (...) por exemplo, lutar pela pátria (...) a pessoa é preparada para dar vida ao Imperador do Japão, para salvar o Japão, né” (Entrevistado R.T.).

Pesquisadores da história dos japoneses no Brasil, reforçam a veracidade desse ideal nacionalista presente na educação japonesa: “Os recrutas recebiam doutrinação intensiva nos quartéis sobre o espírito japonês, *Yamato damashi*, e a fé na invencibilidade do Japão divino” (Yamashiro, *apud* Brito, 1993:219).

Portanto, através dos primeiros imigrantes japoneses que chegaram antes da guerra, foram incorporados os ideais do nacionalismo japonês no ensino em escolas japonesas, intensificando os vínculos com as raízes da terra pátria, num momento em que a migração era para a grande maioria, transitória e “a reserva da lealdade e fidelidade ao governo japonês era a medida certa para garantirem o retorno à terra natal” (Nakamoto, 1998:22).

No período pós-guerra, com a derrota do Japão e a mudança nos planos de retorno ao país de origem, a educação passa a ser identificada de maneira diferente para os japoneses. Muitos nipônicos já preocupavam-se com a escolarização brasileira dos seus descendentes, entretanto, não perdiam de vista a educação em escolas japonesas.

Apesar da inevitável integração dos descendentes orientais na realidade brasileira, principalmente com a alteração de planos ao final da guerra, os japoneses sentem ainda a necessidade de reavivarem sempre o seu passado, a sua identidade cultural. O “espírito japonês” não morre com a guerra, nem tampouco é reprimida no intenso período da era Vargas¹⁷, ao contrário, é revivido com a continuidade do ensino japonês nas escolas japonesas que inevitavelmente surgiam nas colônias japonesas. Com os japoneses de Pilar do Sul, não havia sido diferente.

Embora muitas dificuldades atravessassem o percurso da colonização nipônica na cidade, o *Nihongo-gakko* não deixou de existir, como veremos adiante.

¹⁷ Os imigrantes japoneses sofreram sérias restrições e intervenções nacionalistas impostas pelo governo de Getúlio Vargas durante o período do Estado Novo, tendo sido perseguidos, seus bens materiais confiscados e, a pior de todas as intervenções para os orientais, suas escolas de língua japonesa fechadas ou controladas: “às vésperas da II Guerra, a grande maioria de imigrantes nipônicos vivia sob pressão da política de nacionalização encetada pelo governo Vargas” (*Uma Epopéia Moderna*, 1992:375).

CAPÍTULO III

A Escola de Língua Japonesa

*** Como tudo começou**

Em 1949, quando formou-se a primeira associação de japoneses na cidade, no bairro rural "Sertão", foi logo construído um *Kaikan* para abrigar as reuniões e confraternizações do grupo japonês do bairro. Apesar de modesta (feita com madeira de árvores cortadas no próprio bairro), a construção serviu também para abrigar a primeira escola de língua japonesa da cidade de Pilar do Sul, e foi fruto do empenho e da união de todos os orientais do bairro, para que a educação japonesa não faltasse aos seus descendentes.

Embora este primeiro *Kaikan* tenha sido construído quatro anos após a chegada dos primeiros japoneses na cidade, o ensino de língua japonesa já era realizado, com aulas noturnas, no barracão de um dos japoneses do bairro:

"Quando a sede foi construída havia (...) junto um campo onde foi feita a 1ª Gincana. Não era (...) bem feito, mas foi motivo de alegria para todos. Até a sede ficar pronta, havia aulas noturnas de língua japonesa no barracão do Sr. Araki" (CDNPS,1995:217).

Este fato nos mostra que, antes mesmo da construção de um local que abrigasse uma escola japonesa, no interior da colônia, os japoneses logo se mobilizavam para realizar o ensino de sua língua e costumes num local provisório; denotando que, a principal preocupação dos japoneses era, portanto, escolarizar seus filhos (com ou sem escola), de acordo com seus valores sociais e culturais.

Para dar início às aulas, bastava que alguém com grau escolar mais elevado na colônia aceitasse ensinar às crianças e aos jovens em idade escolar, mesmo sem formação e em lugar precário e improvisado, como um barracão. Não há relatos precisos sobre quem tenha sido o primeiro professor da escola depois que ficou pronta, no bairro "Sertão", mas alguns japoneses moradores da colônia já se destacavam no ensino da língua japonesa realizada no local nos primeiros anos, como o Sr. Ueno e o Sr. Yonemura que, a convite da associação do bairro, lecionaram na escola japonesa.

Um dos professores que muito dedicou-se ao ensino de sua língua pátria e que se destacou na comunidade japonesa, ainda no início da colonização oriental na cidade, foi o Sr. Soichi Yoshiba, ou Yoshiba-sensei¹⁸, como ficou muito conhecido entre os japoneses.

A partir de 1952, o professor Yoshiba, residindo na casa de um conterrâneo, iniciou um curso noturno de língua japonesa no centro da cidade pilarense. Desde então, permaneceu no município por vários anos, ensinando também à alunos dos bairros rurais do "Sertão" e da Barra: "O professor Yoshiba ia de bicicleta até a escola do Sertão e também à escola no sítio do Sr Ushijima, da Barra. Sendo jovem, serviu energicamente em todas estas escolas durante 3 anos" (CDNPS,1995:153). Seu trabalho como professor de língua japonesa rendeu-lhe críticas de alguns pais de alunos (devido à sua personalidade que impunha muito rigor nos estudos), mas também, promoveu bons resultados entre seus alunos, o que contribuiu para o grande carisma e admiração que conquistou da comunidade japonesa da cidade:

"As críticas foram cessando e os pais deram o seu voto de confiança ao professor. Muitos foram os alunos que passaram por seu aprendizado. O professor premiava os [bons] alunos [com gastos] do seu próprio bolso. Não tinha interesse em tirar proveito próprio de algo que fazia. Apenas procurava fazer o seu trabalho da melhor forma possível, demonstrando assim, um belo caráter" (CDNPS,1995:157, grifos meus).

Nos outros bairros, onde igualmente surgiram colônias de japoneses, como a Colônia da Barra e a Colônia Tozan (como veremos adiante), a educação japonesa também não faltou. A Colônia da Barra foi outro exemplo de que a construção de uma escola não era mais importante que o próprio ensino da língua japonesa aos descendentes japoneses. O bairro não possuía uma escola própria, mas por esse motivo, 14 alunos do bairro não foram privados das aulas de língua japonesa, pois o dedicado professor Yoshiba se locomovia de bicicleta até o bairro para dar aulas no sítio do Sr. Ushijima, durante os anos de 1952 a 1955 (CDNPS,1995).

¹⁸ Sensei: significa professor, portanto Yoshiba-sensei seria o mesmo que "professor Yoshiba".

Com o aumento do número de orientais na cidade e o promissor desenvolvimento econômico destes, sobretudo no trabalho agrícola, o surgimento de uma associação em torno de interesses comuns era quase inevitável. A necessidade de união e o empenho do grupo de japoneses gerou a criação de uma associação central na cidade e não mais em locais dispersos e isolados, em cada bairro rural onde houve concentração de nipônicos. Entre os interesses comuns da associação, a escola de língua japonesa encontrava-se em primeiro plano. Assim, em agosto do ano de 1953, com a inauguração do *Kaikan* central na cidade, também passou a funcionar, no mesmo espaço da associação, a escola japonesa do centro, como ficou conhecida. Esta escola, a exemplo do *Kaikan* - que tornou-se referência para as decisões e confraternizações da associação japonesa da cidade e dos bairros rurais -, era uma escola central e urbana de ensino de língua japonesa, administrada pela associação japonesa organizada na cidade.

No período da inauguração, o professor Yoshiba foi convidado a dar aulas na nova escola do centro, mas a associação não obteve resposta. Com a necessidade de um professor para o início imediato das aulas na escola do centro foi chamado um outro professor da cidade de São Paulo que, em pouco tempo, também foi substituído.

Com o início das aulas na nova escola do centro, as crianças dos bairros rurais (que eram a maioria) cujos pais tivessem se associado ao *Kaikan* da cidade, teriam que se locomover até a cidade para estudar na escola de língua japonesa. Alguns jovens já estudavam no curso noturno que havia na cidade (dada pelo professor Yoshiba), porém outros que estudavam durante o dia tiveram que dividir o tempo entre a escola brasileira e a escola japonesa.

Uma ocorrência, entretanto, não era esperada pelos japoneses no momento do início das aulas na nova escola do centro:

"Ocorreu então, que a professora da escola estadual reuniu os pais japoneses no Kaikan e anunciou que o ensino de língua estrangeira estava proibido para menores de 12 anos. Quem desrespeitasse a lei seria [considerado] um criminoso" (CDNPS,1995:156, grifos meus).

Esta proibição, no entanto, contribuiu para que os japoneses insistissem cada vez mais na educação de seus filhos e não desistissem dela:

"A diretora veio insistir mais duas vezes. Os isseis obstinados em educar seus filhos dentro da tradição japonesa, teimosamente continuaram [ocultamente] as atividades da escola" (CDNPS,1995:156, grifo meu).

A necessidade do ensino da língua japonesa foi maior que a imposição restritiva das autoridades educacionais brasileiras, e as aulas passaram então, a ocorrer às escondidas, ou seja, de maneira clandestina, nos sítios particulares e nos barracões de alguns japoneses da cidade. Essas aulas eram ministradas

"numa garagem vazia da Cooperativa de Cotia que ficava atrás do posto de gasolina do Sr. Okita (...) O professor Kobayashi também deu aulas às escondidas, em cabanas rústicas nos sítios do Sr. Kamibara e Sasaki, em [sistema de] rodízio, até 1960. Ele gostava de baseball e seu trabalho de lecionar em rodízio, em três localidades foi bastante penoso" (CDNPS,1995:156, grifos meus).

Alguns anos mais tarde, o ensino da língua japonesa foi liberado para as crianças e as aulas retornaram na escola japonesa do centro, no *Kaikan* da cidade. Entretanto, tendo que abrigar os eventos e reuniões da associação, além de sessões de cinema realizadas para os associados e as aulas da escola no mesmo espaço do *Kaikan*, cogitou-se no ano de 1956, a construção de um novo e maior *Kaikan*, para melhor acomodar a associação que aumentava e os eventos promovidos para um número maior de convidados e associados. Este projeto, acalentado por alguns membros da associação foi rejeitado pela maioria, até ser aprovada 20 anos depois, em 1976, com a realização da obra.

No entanto, enquanto a construção de um novo *Kaikan* não era aprovada, de imediato, por todos os associados, era necessária uma solução para acomodar de maneira satisfatória a escola de língua japonesa e a associação. Para atender a essa necessidade, por volta de 1959-60, a associação (de comum acordo) alugou uma espécie de galpão pertencente à CAC, num local próximo ao *Kaikan* e para ela, após uma reforma, transferiu a escola de língua japonesa, implantando também, no mesmo espaço, um pensionato de corte e costura para jovens moças. Novamente, foi necessária a improvisação para o atendimento educacional que não poderia faltar à comunidade japonesa; e os gastos com o aluguel de um outro prédio não foram poupados pela associação para que todos os alunos matriculados fossem atendidos..

Neste período, o professor Yoshiba, recentemente casado é novamente convidado a dar aulas na escola (agora com espaço mais amplo) e desta vez, aceitou de prontidão. Sua esposa, Sra. Miyo Yoshiba, passou a dar aulas de corte e costura. O trabalho do casal Yoshiba na escola-pensionato durou aproximadamente oito anos quando, em 1967, os professores decidiram mudar-se para a cidade de São Paulo.

Para substituir o casal de professores, no ano seguinte (1968), outro professor é contratado porém, em pouco tempo, após alguns desentendimentos com alguns associados deixa a escola-pensionato sem professores novamente. A dificuldade em encontrar um outro professor preparado a dar aulas de língua japonesa fez com que a escola ficasse fechada por cerca de dois anos, até o regresso do casal Yoshiba em 1971, que retomou a responsabilidade das aulas na escola-pensionato, para alívio e contento da associação e dos pais de alunos.

O projeto de construção de um outro *Kaikan* é aprovado e no ano de 1973, o *Kaikan* antigo é demolido para dar início à construção de um outro maior no mesmo terreno da associação. A partir de então, a escola-pensionato passou também a ser sede das reuniões da associação, até a inauguração da nova construção, que ocorre em setembro de 1976.

Por longos anos de trabalho e dedicação à educação japonesa na cidade de Pilar do Sul, em 1977, o professor Yoshiba recebeu do governo japonês um diploma de honra ao mérito: "por haver lecionado a língua japonesa por mais de 25 anos. Ele recebeu esta homenagem no Consulado do Japão, no Dia do Imigrante [japonês], 18 de junho" (CDNPS,1995:157).

Dois anos mais tarde, animados com importantes acontecimentos no ano de 1978, como a comemoração de 70 anos de imigração japonesa para o Brasil e a visita do casal imperial do Japão ao Brasil, a comunidade japonesa novamente se mobiliza para a construção de uma nova escola de língua japonesa, agora no mesmo terreno do *Kaikan* inaugurado recentemente. O projeto de construção é aprovado e uma comissão é prontamente organizada para o empreendimento. Os japoneses da associação contribuem financeiramente para a construção da obra, que, através desse esforço, é inaugurada já no ano seguinte.

Mas, um outro acontecimento inesperado surgiu como problema: ao final do ano de 1978, com a saúde debilitada, o professor Yoshiba decidiu parar de dar aulas e se despede de seus alunos, às vésperas da inauguração da nova escola, que ocorreu em maio de 1979, causando grande pesar a todos da associação japonesa de Pilar. Após

receber com méritos a homenagem do Consulado Japonês por vários anos de trabalho e dedicação no ensino da língua japonesa (em grande parte, na cidade de Pilar do Sul), o professor Yoshiba faria grande falta à comunidade japonesa pilarense.

A triste despedida do professor Yoshiba foi sentida por todos, mas a escola de língua japonesa deveria prosseguir com as aulas. Após a inauguração da nova escola, em maio de 1979, tornou-se urgente a contratação de um novo professor. Nesta ocasião, um jornalista oriental, o Sr. Akira Tanaka sabendo da necessidade de um professor de língua japonesa na cidade indicou um parente, o Sr. Hiroshi Muranaka, formado no Japão. Por intermédio do jornalista, foram promovidos encontros entre o professor e membros da associação, que passaram a se comunicar através de cartas. Finalmente, o professor foi apresentado numa reunião da diretoria numa visita que fez à cidade, antes de ser contratado pela associação. Então, foi combinada a data em que viria de mudança à cidade, através de um caminhão emprestado pela associação, em 30 de maio de 1979 (CDNPS, 1995).

Com a chegada do professor Muranaka, as aulas recomeçaram em junho, com aproximadamente 30 alunos: "Seu admirável esforço satisfaz a expectativa de todos. Sua esposa Sra. Tizu também foi admitida como professora" (CDNPS, 1995:163).

A contratação do professor Muranaka ou Muranaka-sensei, como ficou conhecido marcou o início de uma nova etapa da escola de língua japonesa na cidade de Pilar do Sul, com a inauguração recente do novo prédio e a realização pela primeira vez, de uma cerimônia de início das aulas.

As iniciativas empreendidas pelo professor Muranaka com relação à educação japonesa em Pilar do Sul tornou-o referência para muitos alunos e professores da região. Durante o período em que lecionou na escola japonesa de Pilar, este dedicado *sensei* promoveu diversas atividades educacionais para os alunos da escola e de outras escolas da região.

Através de sua iniciativa, em 1980, instituiu uma reunião de estudos e pesquisas para professores da região Sudoeste e, no mesmo ano, organizou o primeiro concurso de oratória na escola e o primeiro concurso de oratória da região Sudoeste, promovido na cidade de Ibiúna:

"A reunião para estudos, de todos os professores da região sudeste [tem] continuidade até hoje, uma vez por mês. O professor Muranaka foi escolhido como

líder desta atividade e deixou uma grande colaboração" (CDNPS,1995:189, grifo meu).

Conhecido como uma pessoa que gostava da profissão que exercia (dedicando-se inteiramente a ela) e pelo vigor com que empreendia a educação japonesa na cidade, o professor Muranaka empenhou-se também na arrecadação de material didático para seus alunos. Para isso, solicitou a colaboração de todos os pais de alunos para adquirir livros e dicionários e acabou também recebendo uma doação de livros didáticos do presidente da Federação dos Estudantes Japoneses, o que contribuiu para completar a biblioteca da escola.

Muranaka-*sensei*, segundo muitos relatos¹⁹, era uma pessoa de iniciativas e possuía uma postura bastante disciplinada, presente na maneira como conduzia seu trabalho na escola japonesa. Foi autor de muitos projetos e iniciativas que visavam o aprimoramento da educação japonesa empreendida na escola. No período de sua gestão como professor e também diretor da escola japonesa, foram realizadas diversas atividades, exposições, concursos, viagens e intercâmbios com outras escolas japonesas, marcando um período em que a escola japonesa de Pilar era considerada uma das melhores escolas de língua japonesa do Brasil.

Entre os principais eventos e acontecimentos vividos pela comunidade escolar japonesa nesse período estão a premiação de vários alunos em concursos de oratória²⁰, desenho caligráfico e testes da língua japonesa (a nível nacional):

"Neste ano [1984] houve o Teste Mundial de capacidade da língua japonesa. Da escola de Pilar foram 15 alunos fazer o teste dos níveis 2,3 e 4. Todos foram aprovados com louvor. Com isto, a escola de Pilar conseguiu um lugar dentro do panorama mundial de estudo de língua japonesa. Tornou-se uma escola de alto conceito (...) No concurso de oratória da região Sudeste [1986], os alunos de Pilar conseguiram 1º. lugar nas categorias A,B,C,D e E. No concurso de oratória a nível nacional, quatro alunos de Pilar foram premiados (...) doze alunos foram premiados no concurso de escrita [1985], concurso de "Mohitsu" (arte caligráfica japonesa com

¹⁹ Relatos contidos no livro CDNPS (1995) e nas entrevistas realizadas durante a pesquisa.

²⁰ A oratória é chamada *ohanashitai-kai* e consiste na atividade de apresentação/declamação de uma redação no palco, para um público presente.

pínel) organizado pela Federação das Associações Japonesas” (CDNPS,1995: 190-192, grifos meus).

Além da participação dos alunos em concursos, a escola de Pilar promoveu também intercâmbios culturais com duas escolas do Japão: a escola de Kudama, na província de Kagoshima (1981) e a escola primária de Amaki, da província de Fukuoka (1985). Entre ambas, os alunos da escola japonesa de Pilar trocaram correspondências, desenhos e redações. Seis alunos foram escolhidos em 1983, para acompanharem o professor Muranaka numa viagem ao Japão promovida pela Federação das Escolas de Língua Japonesa, para um outro intercâmbio cultural. A experiência e os conhecimentos adquiridos com a viagem, contribuíram para aumentar o prestígio do professor Muranaka e da escola japonesa de Pilar, que passou a receber visitas de várias autoridades que vinham observar o trabalho educacional conduzido na cidade. Da província de Kagoshima, no Japão, o prefeito da cidade de Ei e membros da empresa JICA, de São Paulo estiveram realizando visitas contemplativas na escola japonesa de Pilar.

Os dez anos de intenso trabalho e de dedicação tornaram o professor Muranaka um dos membros de maior destaque na comunidade oriental da cidade e da região Sudeste:

“Em 1988 (...) o professor Muranaka foi homenageado pela Federação das Associações da Região Sudeste, pelo brilhantismo com que conduziu os trabalhos. Foi também nomeado membro do Centro de Estudos de Língua Japonesa” (CDNPS,1995:193).

O admirável trabalho exercido pelo professor Muranaka na escola japonesa de Pilar é ainda bastante lembrado e reconhecido perante a comunidade nipônica da cidade. A herança cultural e educacional que deixou aos seus alunos, após seu falecimento em 1989 foi ainda cultivada entre as gerações descendentes da comunidade, através do trabalho de outros professores (alguns de seus antigos alunos) que o sucederam.

Em 1989, a escola contava ainda com mais de 150 alunos matriculados, um elevado número que expressava o prestígio alcançado pela escola através de um trabalho realizado por um grupo que atuou em conjunto: professores esforçados, alunos disciplinados, diretores ativos e pais dedicados - com destaque para aqueles que, como o

professor Muranaka, além de superarem as dificuldades, adiantaram-se a elas, tomando iniciativas inovadoras que possibilitaram tornar a escola uma referência educacional para toda a comunidade japonesa em geral, sobretudo à comunidade nipo-brasileira da cidade de Pilar do Sul.

Nos anos que se seguiram até os dias atuais, bons alunos se formaram na escola japonesa, - alguns se destacaram ganhando bolsas de estudo no Japão - assim como, vários professores, com boa formação passaram por ela atuando com méritos. Entretanto, a acentuada mobilidade de professores que ocorre praticamente todo ano contribuiu para algumas mudanças que aos poucos foi transformando a escola na medida em que as jovens gerações de descendentes passam a suceder os anteriores na comunidade japonesa da cidade.

*** As escolas da Colônia Tozan e Sul-Brasil**

Na Colônia Tozan e na Fazenda Sul-Brasil (bairros rurais de Pilar do Sul, ambas colonizadas por japoneses), a exemplo da escola que existia no bairro "Sertão", também foram construídas escolas para aulas em japonês.

A escola da Colônia Tozan foi construída ao lado da associação *Kaikán* do bairro e inaugurada no ano de 1960. Provisoriamente construída, a escola recebeu várias doações, como a mão-de-obra, os materiais para construção, os móveis e materiais para uso dos alunos. As aulas tiveram início no mesmo ano, entretanto, a escola começou enfrentando algumas dificuldades como a grande mobilidade de professores, que eram substituídos em questão de meses ou ano a ano.

Apesar dos problemas, a escola japonesa do Tozan contou com o apoio social e financeiro da associação de japoneses de Pilar do Sul, que enviava recursos para determinadas despesas e alguns membros de sua associação para dirigir atividades sociais e culturais na colônia. A ajuda econômica, no entanto, foi interrompida, pois com o término da construção da escola japonesa da cidade, no ano de 1979, a associação japonesa pilarense (sobrecarregada com outras despesas) não pôde mais subsidiar a escola do Tozan. Em 1979, já com a frequência de poucos alunos, a escola foi, então, fechada e os outros alunos em idade escolar passaram a se locomover até a escola japonesa do centro, em Pilar do Sul, revezando os períodos (manhã e tarde) entre as escolas brasileira e japonesa.

A Fazenda Sul-Brasil, em 1963, já se encontrava com lotes totalmente preenchidos por famílias de japoneses. No bairro onde se formava a colônia de japoneses já havia uma escola mista pública, a escola brasileira. Inicialmente, contava com 40 alunos, entre brasileiros e descendentes de japoneses, que foram aumentando conforme o crescimento da colônia japonesa e do bairro, surgindo então, a necessidade de uma outra sala de aula na escola.

Os japoneses, como de costume reuniram-se para decidir como resolver o problema da educação que demandavam no bairro do qual faziam parte. Através de um requerimento enviado à delegacia de ensino responsável, os japoneses conseguiram autorização para construir no mesmo espaço da escola mista, um outro prédio, com capacidade para acolher mais de 60 alunos.

Animados com o crescimento e o desenvolvimento da colônia, os japoneses decidiram construir sua própria escola, uma escola japonesa. Através da cooperação de todos os moradores japoneses da colônia e a doação do terreno por um dos japoneses do local, a escola foi construída e inaugurada no ano de 1964: "Tinha paredes de barro, telhas vermelhas, era rebocada e pintada de branco, era muito bonita com o branco contrastando com o vermelho" (CDNPS,1995:196).

As aulas eram dadas pelo próprio doador do terreno, mas contava também com a ajuda admirável de todos do bairro (pais e mães) para a manutenção da escola e construção de um "parquinho" de recreação no pátio para as crianças. No período noturno também havia aulas para jovens que se ocupavam na lavoura durante o dia. Todo esse empenho e união trouxe fama à instituição que, por meio da publicação de um jornal, passou a realizar um amistoso intercâmbio cultural, com crianças do Japão, que enviaram livros didáticos e materiais para desenho. Em 1989, a escola foi fechada, após muitos anos de funcionamento. As poucas crianças que ainda a frequentavam passaram a estudar na escola japonesa da cidade.

*** O espaço e a prática escolar**

A Escola de Língua Japonesa de Pilar do Sul hoje possui um espaço físico relativamente amplo. Embora possua poucas salas de aula, o prédio é espaçoso e sua construção bem distribuída.

Após a inauguração de seu novo prédio, no ano de 1979, que funciona até o presente momento, a escola passou ainda por algumas reformas de ampliação e de

manutenção do prédio, que possui um bom aspecto físico e boa estrutura para o atendimento dos alunos²¹.

A escola japonesa de Pilar é composta de quatro salas de aulas distribuídas num corredor externo, além de uma sala de informática, biblioteca, depósito, banheiros feminino e masculino (na parte posterior anexa ao prédio), lavatório, bebedouro, sala de professores e duas dependências (uma em cada lado da escola) que funcionam como uma espécie de moradia para acomodar professores que vêm de localidades distantes. Em uma das reformas realizadas na escola foi construída no canto direito do prédio²², um pequeno sobrado que passou a abrigar a sala de professores no térreo e mais uma dependência para acomodar professores, na parte superior. Esta medida tornou-se necessária, porque muitos professores que trabalharam e que trabalham atualmente na escola procedem de outras cidades e até de outro país - é o caso da contratação de professores do Japão - sendo necessário um local para acomodação dos mesmos, que passam a residir nos locais de trabalho.

Um corredor externo compõe a parte frontal da escola, que é cercada por canteiros nos quais os alunos do pré e do primeiro ano cultivam flores e plantas, em atividades orientadas pelos professores. Logo em frente aos canteiros, abre-se um espaçoso campo para prática de esportes realizados no horário da educação física.

Do lado direito da área externa da escola, gangorras, escorregadores e balanços foram organizados para atender às crianças no horário de recreação.

Na parte interna, as salas de aulas são bem iluminadas, possuem carteiras, cadeiras e armários construídos, em sua grande maioria pelos próprios pais de alunos e pelos associados do *Kaikán*. As lousas conservam-se em bom estado, assim como os demais materiais, apesar da aparência antiga. Nas paredes das salas estão expostas os trabalhos e desenhos realizados pelos alunos de todas as séries. Alguns trabalhos de pintura dos alunos chegam a ocupar quase uma parede inteira.

Algo curioso foi observado nas salas de aula da escola: em uma das salas, além da porta de entrada pelo corredor, existe uma outra porta (localizado no meio da parede que divide as salas) que liga uma classe à outra. Através dessa porta de ligação entre as classes, o professor da sala vizinha desloca-se livremente de uma classe à outra, desenvolvendo diferentes atividades em duas salas de aula ao mesmo tempo. Por outro lado, notamos que essa ligação entre as salas acaba também promovendo uma espécie

²¹ Ver Anexos, figura 08, p.04.

²² Ver Anexos, figura 08, p.04.

de intercâmbio entre as classes durante as atividades, pois alunos de uma sala movimentam-se para a outra (e vice-versa), numa relação de interação, trocando idéias, observando e aprendendo com os trabalhos dos outros colegas numa amistosa comunicação entre turmas.

Na sala de informática os alunos revezam atividades em grupo e individuais. Os computadores possuem programas baseados na língua japonesa, nos quais os alunos realizam trabalhos de produção de textos e redação, de acordo com a escrita oriental. Os alunos são orientados pelos professores a realizarem determinadas atividades gramaticais da escrita japonesa, programadas no próprio computador.

A Escola de Língua Japonesa de Pilar do Sul é mais conhecida pela comunidade nipo-brasileira da cidade, como *Nihongo-gakko*²³. Possui essa denominação por estar amparada por um projeto pedagógico que centraliza o ensino da língua japonesa como uma das prioridades da escola.

A língua japonesa na escola não é ensinada apenas pelos professores e não constitui-se como um aprendizado “a mais” para os alunos. Além de ser praticado por todos aqueles que participam desse processo de estudo, o idioma japonês é também compartilhado e integrado ao cotidiano da escola. Durante todo o tempo em que permanecem na escola, os alunos conversam entre si (com os colegas) e com os professores somente através do idioma japonês. Mesmo nos momentos de descontração e brincadeiras entre professores e alunos, fora da sala de aula e nos intervalos, o uso da língua japonesa é imprescindível.

Criada e mantida pela associação de japoneses da cidade, a escola mantém-se basicamente com recursos provenientes das mensalidades dos alunos e parte dos recursos financeiros arrecadados de associados do *Kaikan*. Durante o período pesquisado, a escola contava com 63 alunos matriculados, cujos pais não são todos associados ao *Kaikan* e a grande maioria são descendentes de orientais. Segundo o estatuto da escola, os pais não necessitam obrigatoriamente estar associados ao *Kaikan* para matricularem seus filhos na escola, porém precisam pagar uma determinada taxa além da mensalidade comum à todos aqueles que estão associados. Também de acordo com o estatuto, os pais devem comparecer às reuniões mensais da escola e participarem das atividades extra-curriculares dos alunos realizados com freqüência nos finais de semana.

²³ *Nihongo*= língua japonesa/ *gakko*= escola.

A matrícula é aceita para crianças a partir de três anos de idade que, em conjunto com crianças de até seis anos formam a classe pré-escolar. A partir do primeiro ano, a distribuição dos alunos por classes é realizada com base na idade e também, através de testes que, segundo uma professora, indicam o grau de conhecimento que o aluno já possui da língua japonesa antes de ingressar na escola. A partir do resultado do teste, o aluno poderá ser encaminhado a uma determinada sala de aula.

As aulas na escola japonesa, para aqueles que se propõem a estudar até o final, têm duração de seis anos, de acordo com o método de ensino realizado no Japão, dividido em seis fases ou séries.

Durante o período de pesquisa no *Nihongo-gakko*, as aulas estavam divididas entre um professor e três professoras²⁴. Dentre eles, somente uma das professoras possui nacionalidade brasileira, sendo porém descendente de orientais e moradora da cidade. Um professor e duas professoras (de origem japonesa) foram contratados do Japão para dar aulas de língua japonesa na cidade.

Durante o período de aula, cada professor é responsável por uma classe, no qual realiza diversas atividades. Há também revezamento de professores entre as turmas, em dias e horários alternados durante o período de aula, com exceção da professora que mora na cidade, que dá aulas somente aos alunos do pré e do primeiro ano.

As aulas no *Nihongo-gakko* são divididas em dois turnos - manhã e tarde - com duas horas de aula para cada período. O período da manhã atende à um número inferior de alunos com relação ao período da tarde, no qual os alunos são divididos em dois horários diferentes (uma turma no início da tarde e outra no fim da tarde), para que todas as turmas de alunos sejam atendidas, devido ao número maior de matriculados no período vespertino²⁵.

Entre as diversas atividades desenvolvidas na escola, têm-se aulas de redação, gramática, caligrafia em língua japonesa, aulas de educação artística²⁶, educação física, ginástica, culinária, além de atividades com música e *origami*²⁷.

²⁴ Praticamente todo ano ocorre troca de professores.

²⁵ O *Nihongo-gakko*, nesse sentido, tem de se adaptar aos horários em que os alunos estão estudando na escola brasileira. Assim, tem-se uma maioria que estuda no período matutino na escola brasileira e que, conseqüentemente, procura matricular-se na escola japonesa no horário oposto, que seria no período vespertino. É uma adaptação necessária, pois o ensino na escola obrigatória, a escola brasileira é considerada indispensável e tão importante quanto o ensino da língua japonesa.

²⁶ Um professor da cidade de São Paulo visita a escola uma vez ao ano para dar, especialmente, aulas de desenho.

²⁷ Dobradura oriental.

Uma das atividades bastante praticada pelos alunos das séries superiores é a denominada *Mohitsu*²⁸, que consiste numa atividade para prática da escrita oriental realizada com um material especial e próprio, importado do Japão. Segundo o depoimento de um dos professores, ao realizar a atividade, o aluno deve seguir uma seqüência determinada, para aprender a maneira correta da escrita, que tem como objetivo a concentração, a postura do aluno e a idéia de “limpar o coração” durante a prática da atividade²⁹. A concentração exigida do aluno para a realização dessa atividade visa o aprendizado da escrita de uma maneira que podemos considerar artística, sendo fundamental a orientação e a paciência do professor no ensino à maneira correta da escrita praticada pelos alunos.

Todo ano são realizados concursos de redação, desenho e oratória entre os alunos das classes superiores. Os alunos selecionados na escola passam a concorrer, posteriormente, num concurso realizado entre todas as escolas japonesas da região Sudoeste, incluídas nas cidades de Ibiúna, Piedade, Sorocaba, Vargem Grande, São Miguel Arcanjo, Itapetininga, Guapiara e Pilar do Sul.

As avaliações também são constantes durante o período letivo na escola japonesa de Pilar, para alunos que cursam a partir do segundo ano. Toda semana é realizado um teste de *Kanji*³⁰, além de uma espécie de prova de língua japonesa (realizado no final do ano letivo), similar às avaliações de língua portuguesa, comumente aplicada nas escolas brasileiras.

A língua japonesa para a comunidade nipo-brasileira de Pilar do Sul

A pesquisa realizada junto à escola de língua japonesa de Pilar nos fez refletir sobre o significado e a importância em ensinar e aprender a língua japonesa para a comunidade oriental em geral, da cidade. Observamos durante toda a pesquisa de campo na escola que o ensino e o aprendizado da língua japonesa encontra-se articulada à prática da própria escrita em suas diferentes modalidades e atividades e, à comunicação e interação entre o grupo, através do idioma japonês. Compreendemos, entretanto, que a língua japonesa praticada na escola possui significados e valores mais amplos, que vão além da simples comunicação escrita e oral.

²⁸ Arte caligráfica japonesa realizada com pincel.

²⁹ Ver Anexos, figura 10, p.05.

³⁰ Uma das modalidades gramaticais de elevado grau da língua japonesa.

Com base em depoimentos de alunos das classes secundárias³¹ e de professores, além das entrevistas e visitas realizadas na escola e na associação buscamos compreender qual a importância da língua japonesa e que valor é dado a ela no momento em que comemora-se mais de 50 anos de história da associação de japoneses de Pilar do Sul e quase um século de imigração nipônica para o Brasil.

O relato³² dos professores que atuavam na escola no momento da pesquisa nos revela que o ensino da língua japonesa está ligada ao aprendizado e ao conhecimento do idioma japonês, da língua falada e escrita. É o que revela uma das professoras da escola:

“Quero ensinar o significado da palavra, aprofundar o significado da palavra. (...) A palavra é como mantimento, peça: quanto mais significado das palavras aprender, mais conhecimento em língua [japonesa] terá” (Professor entrevistado Y.S., grifo meus).

Por outro lado, é também revelada a importância em ensinar ao aluno aspectos da cultura japonesa relacionados à disciplina e ao respeito aos outros indivíduos da comunidade japonesa e aos costumes japoneses:

“Também não é só ensinar a falar e escrever [em japonês]. Também é [importante] passar a disciplina (...)” (Professor entrevistado S.S., grifos meus).

Para uma outra professora, os alunos da escola japonesa são sinceros e obedientes sendo, em sua opinião, importante educá-los com base na cultura e costumes do Japão, o que significa tornarem-se indivíduos disciplinados, que respeitam os mais velhos e que saibam se comportar de acordo com determinadas regras sociais e padrões de conduta japoneses³³.

Entendemos desse modo, que educar os descendentes na língua japonesa significa também educar de acordo com os padrões culturais e sociais japoneses e que a essência da cultura oriental está presente no ensino através da língua japonesa. Podemos notar isso nas diversas atividades desenvolvidas na escola, a exemplo do *Mohitsu*, - uma

³¹ Alunos do 4º, 5º e 6º anos. A idade de primaristas e secundaristas varia entre 5-6 anos e 12-13 anos.

³² O relato dos professores entrevistados é uma reprodução da tradução - de japonês para o português e vice-versa - realizada pela única professora da escola que falava os dois idiomas.

³³ Por exemplo, como se referir, comunicar ou saudar - de acordo com determinada hierarquia - o irmão mais velho, os pais, os avós e assim adiante.

atividade praticada para o aprendizado da escrita japonesa, que exige do aluno não apenas a escrita correta, mas determinada disciplina, postura e concentração, comportamentos estes, inerentes à cultura oriental.

Por outro lado, para os alunos (que cursam a partir do quarto ano), com os quais questionamos a importância do aprendizado da língua japonesa, as considerações sobre tal questão foram diversas. A língua japonesa, para os alunos está associada, de modo geral, à comunicação sócio-cultural, à uma preparação para o mercado de trabalho e à possibilidade de trabalho temporário no Japão.

Para alguns alunos, a importância da língua japonesa está vinculada ao aprendizado de um idioma que poderá auxiliar futuramente no mercado de trabalho. Desse modo, segundo depoimento o de um dos alunos, aprender a língua japonesa é importante:

“Para ter uma língua [idioma] a mais (...) isso ajuda para ter um bom emprego”.

Para outro aluno:

“Já que eu pretendo fazer turismo [curso] é preciso saber falar várias línguas”.

A língua japonesa, para grande parte dos alunos questionados é importante não apenas como uma preparação para o mercado de trabalho, mas é indispensável como um instrumento de comunicação a ser utilizado fora do país de origem, principalmente no Japão, país procurado por muitos jovens descendentes para trabalho temporário. Segundo relatos da maioria dos alunos questionados, saber se comunicar através do idioma japonês poderá facilitar no convívio e no trabalho que pretendem exercer do outro lado do mundo. De acordo com um dos alunos, estudar no *Nihongo-gakko* é importante para:

“Aprender a falar e poder trabalhar no exterior”.

Relato semelhante para outro aluno:

“Vou obter mais conhecimento. Acho importante aprender japonês porque vou usar quando eu for ao Japão. Vai ser mais fácil falar com as outras pessoas”.

Relatos de outros alunos, entretanto, apontam para o valor social e cultural da língua japonesa que aprendem na escola:

“O Nihongo-gakko tem algo a mais do que as escolas de idiomas. Além de ensinar o idioma japonês, o Nihongo-gakko faz uma retomada na cultura oriental (...) Você não entra na sala de aula para apenas aprender gramática e sim, você aprende a conviver com os japoneses. Enfim, o que mais gosto de aprender aqui (...) é o lado [aspecto] cultural”. (grifos meus).

Segundo outro relato:

“Por ser uma descendente japonesa de terceira geração tive a curiosidade de saber mais sobre a língua, sobre os costumes japoneses, saber falar ou ler, para que assim pudesse entender e conversar com meus avós e outras pessoas. Pela importância que tem na vida de um japonês, nikkei, descendente brasileiro de japoneses, pela importância que tem saber sobre os costumes japoneses, a língua japonesa, saber de sua raça para entender o que não conseguia entender, para conseguir falar, ler o que não conseguia ler no começo e para assim saber de tudo; isso ajuda em nosso futuro”.

Para outros alunos, a língua japonesa também está ligada à preservação cultural e social presente nas relações estabelecidas no interior da comunidade japonesa em geral, do qual os alunos também fazem parte. Para alguns alunos é importante aprender a língua oriental, porque a comunicação sob diversos aspectos é também fundamental para a identificação étnica do grupo. A comunicação através do idioma em comum significa assumir e valorizar sua condição étnica e reforçar os valores culturais japoneses.

A relação do *Nihongo-gakko* com a associação *Kaikan* obedece a uma certa hierarquia sócio-cultural. A associação japonesa é a que basicamente dá sustentação financeira à escola e a escola por sua vez é a que cria as bases de manutenção da cultura japonesa valorizada pela comunidade.

Todas as importantes decisões com relação à educação devem ser comunicadas antecipadamente à associação. Para isso, a associação dispõe de um departamento responsável por assuntos referentes à escola japonesa.

Um dos principais desafios da associação nos últimos anos tem sido dar continuidade ao ensino da língua japonesa na escola, sem perder de vista a preservação da cultura oriental. Devido à facilidade com que os jovens descendentes estão assimilando a cultura brasileira e se distanciando da associação, há o receio de que a cultura oriental perca seu valor na comunidade japonesa da cidade. Para a associação em geral é importante que as crianças e os jovens cresçam com base na educação japonesa realizada na escola para que possam, futuramente, ocupar os cargos que hoje, os mais velhos exercem na associação. Por esse motivo há a preocupação em educá-los de acordo com os princípios morais e éticos da cultura japonesa. A escola exerce, com isso, um importante papel no progresso da associação e na união comunitária entre os japoneses da cidade.

Contudo, a educação dos descendentes japoneses deverá também estar voltada na busca de um bom desempenho na sociedade brasileira e no desenvolvimento e crescimento da cidade em que moram:

“Se continuarmos insistindo para que nossos filhos aprendam a língua japonesa estaremos também transmitindo a cultura do país de origem. O amor ao trabalho, a honestidade, a polidez e a justiça características do povo japonês que devem ser assimilados pelos nossos filhos. Só assim poderão exercer uma influência positiva dentro da sociedade brasileira” (CDNPS,1995:158)

Ao refletimos sobre o ensino da língua japonesa, portanto, acreditamos que ela representa algo além da simples prática de comunicação através do idioma. Ela representa a preservação da cultura japonesa em seu conjunto de fatores que expressam uma identificação étnica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs-se a tomar como objeto de pesquisa a escola de Língua Japonesa de Pilar do Sul. Buscamos como objetivos, nesta pesquisa, a reconstrução histórico-social da instituição cultural japonesa existente nesta cidade, caracterizar, historicamente, os principais momentos vividos pela associação nipônica e pela escola japonesa e, por último, discutir a importância social e cultural da língua japonesa preservada há muitos anos na instituição formada pelo grupo.

Como vimos, a partir da história de formação da comunidade oriental na cidade de Pilar e da organização de uma associação japonesa institucionalizada foi possível concretizar o ensino da escola de língua japonesa para atender à demanda pela educação da comunidade nipo-brasileira da cidade.

O conjunto de vários fatores e atividades promovidas na área educacional do *Kaikan* fizeram com que a escola japonesa alcançasse um elevado nível, destacando-se na região Sudoeste de São Paulo, mantendo até os dias atuais, um ensino de qualidade para os descendentes de japoneses.

Ao final deste trabalho, concluímos que o ensino realizado na escola não visava somente o aprendizado da língua japonesa, mas também o resgate e a preservação da cultura de origem japonesa, um importante “guia” para o desenvolvimento cultural e manutenção da identidade étnica do grupo de japoneses que se formou e se desenvolveu na pacata localidade de Pilar do Sul.

ANEXOS

Registros fotográficos do início da colonização japonesa no bairro “Sertão” de Pilar do Sul; de eventos realizados na Associação Cultural e Desportiva; do aspecto físico da associação e da escola, das aulas e eventos presenciados durante o trabalho de campo, dos trabalhos realizados pelos alunos.



Figura 1. Alguns dos primeiros japoneses a se instalar em Pilar do Sul (Bairro Sertão) – Ano de 1949.

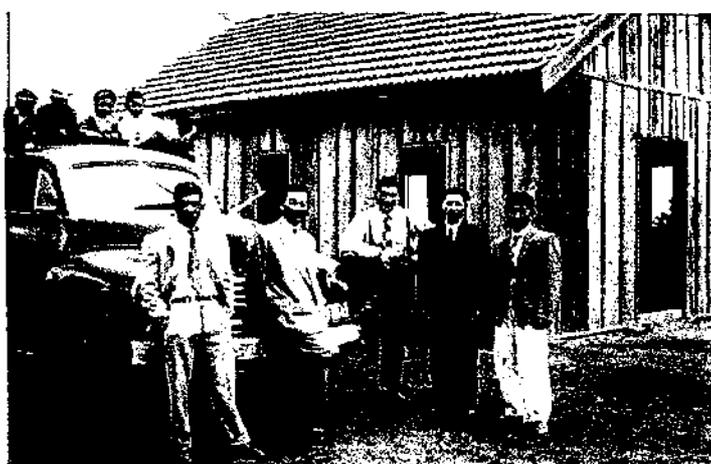


Figura 2. Japoneses em frente a primeira escola de língua japonesa (Bairro Sertão) – Ano de 1949.



Figura 3. Gincana (*undo-kai*) no campo da associação de japoneses – s/data.

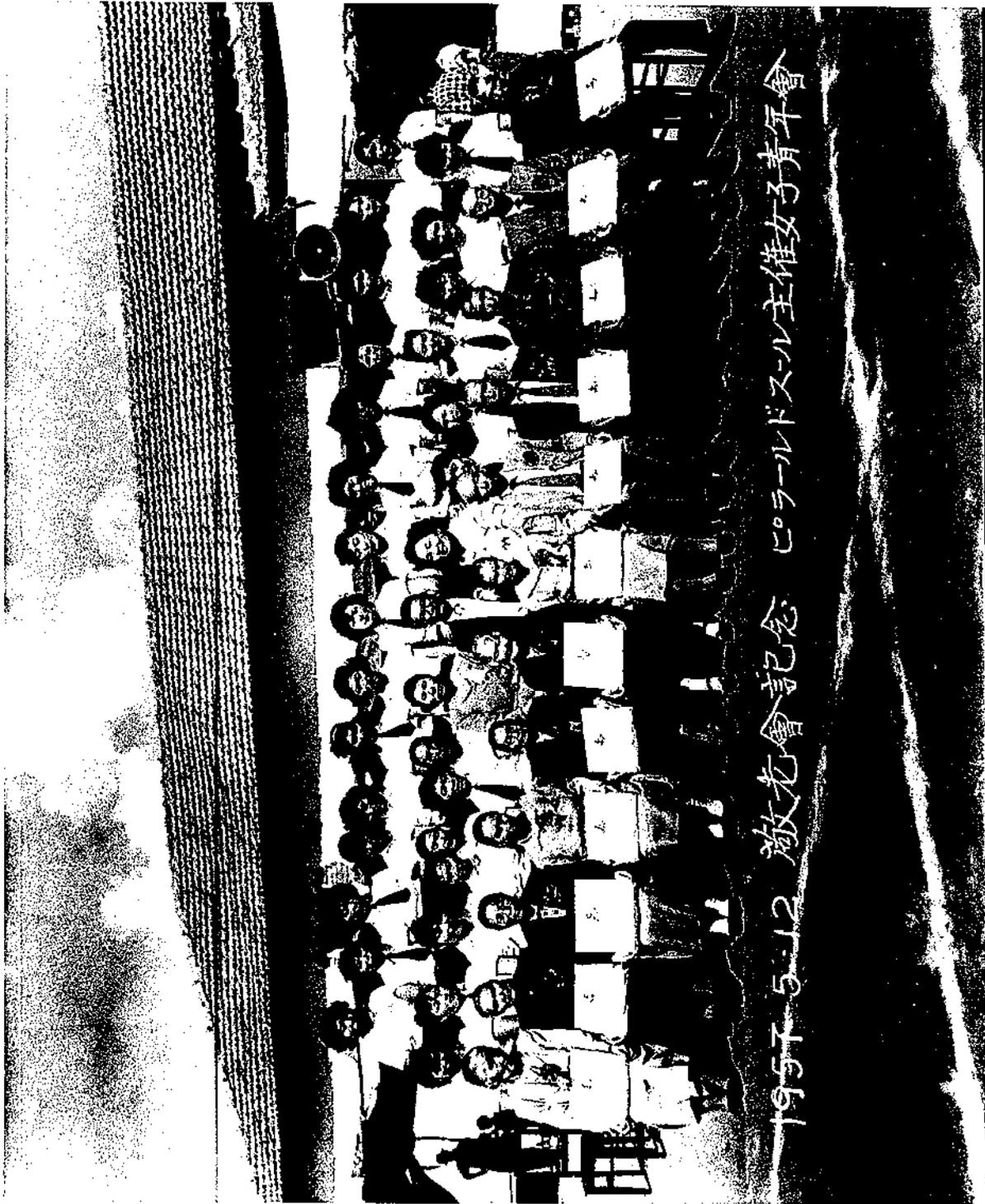


Figura 4. Associação de moças (*Joshi-kai*) homenageando a Associação de idosos (*Rojin-kai*) – Ano de 1957.



Figura 5. Premiação no dia de comemoração aos idosos (*Kero-kai*) – set./ 1986.



Figura 6. Senhoras da Associação *Fujin-kai* em frente à antiga sede da Cooperativa Agrícola de Cotia (SP) – s/ data.

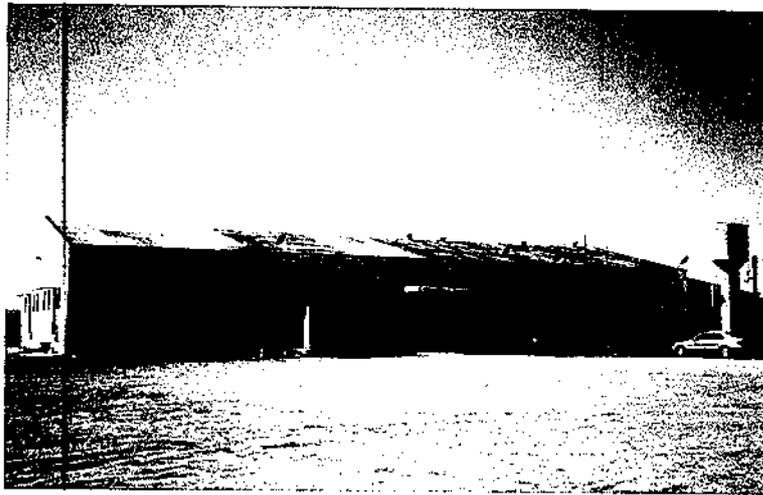


Figura 7. Sede da Associação Cultural e Desportiva (*Kaikan*) –
set./2003

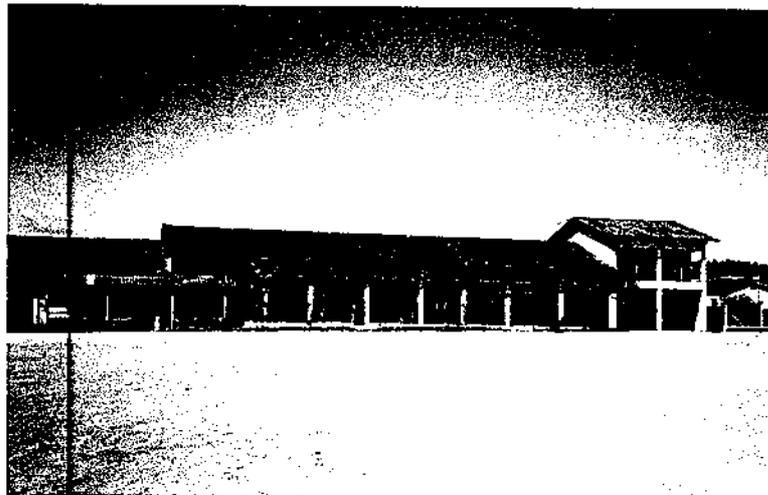


Figura 8. Fachada da Escola de Língua Japonesa (*Nihongo-gakko*) –
set./2003



Figura 9. Associados e convidados em frente a escultura
inaugurada em comemoração ao Cinquentenário da Associação
Cultural e Desportiva de Pilar do Sul – jun./2003.

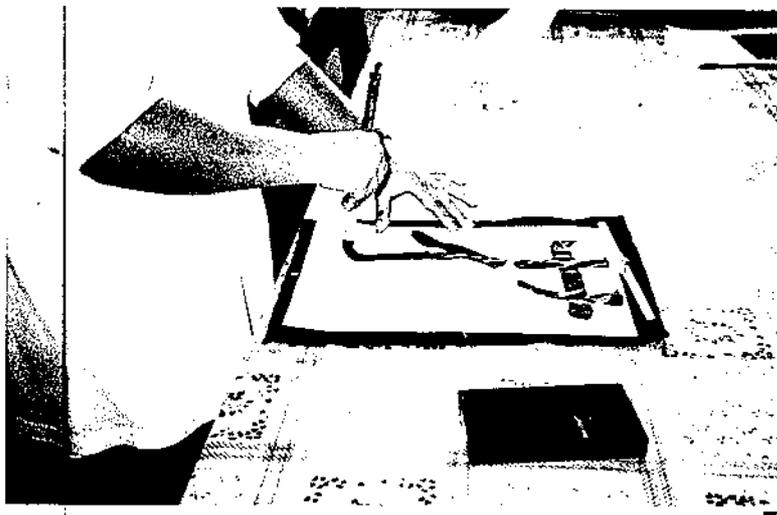


Figura 10. Aluna realiza a atividade *Mohitsu* – Set./2003.



Figura 11. Alunos do pré fazem oração antes do lanche da tarde – set./2003.



Figura 12. Alunos cantam na festa aos Idosos (*Kero-kai*) – set./2003.



Figura 13. Reprodução de ideograma (*Haná* = Flor), realizado através da atividade *Mohitsu*.



Figura 14. Reprodução de ideograma (*Tori* = Pássaro), realizado através da atividade *Mohitsu*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDO, Zenpati. *Estudos sócio-históricos da imigração japonesa*. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1976.

BENEDICT, Ruth. *O Crisântemo e a Espada: padrões da cultura japonesa*. Tradução César Bosi, 2ª Edição, São Paulo: Perspectiva, 1997.

BRITO, Cláudia Regina de. *Escola de japoneses: Educação e Etnicidade em Mato Grosso do Sul*. Mato Grosso do Sul: Dissertação de Mestrado, UFMS, 1997.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. *Estrutura Familiar e Mobilidade Social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo [s:n], 1972.

_____. "O papel das associações juvenis na aculturação de japoneses" In: *Revista de Antropologia*. Separata do v.7, no. 1 e 2, jul/dez 1959, p.101-122.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. "Imigrantes Japoneses em São Paulo: três gerações" In: *Revista Travessia*. São Paulo, 1999, p.1-12 (no prelo).

_____. "Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: elementos para a história da Educação Brasileira" In: *Educação & Sociedade*. Ano XXI, no. 72, 2000, p.43-72.

_____. "Viagens vividas, viagens sonhadas: os japoneses em São Paulo na primeira metade do século" In: *Reunião Anual da Anpocs*, 19p. Caxambú, 1995.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

HANDA, Tomoo. *Memórias de um imigrante japonês no Brasil*. Tradução Antonio Noriji. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

MORAES, Carlos de Souza. *A ofensiva japonesa no Brasil: aspectos social, econômico e político da colonização nipônica*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1942.

MORAIS, Fernando. *Corações Sujos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NAKAMOTO, Cristina Megumi. *Educação Japonesa no Brasil: uma forma de manutenção da identidade étnica*. Unicamp: Tese de Conclusão de Curso, Faculdade de Educação, 1998.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. *Imigração Japonesa na História Contemporânea do Brasil*. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1984.

SAITO, Hiroshi. *Assimilação e Integração dos japoneses no Brasil.* Hiroshi Saito; Takashi Maeyama. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.

SAKURAI, Célia. "Imigração Japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada (1908-1941) In: FAUSTO, Boris (org.) *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 2ª Ed., 2000.

_____. "Mais estrangeiro que os outros? Os japoneses no Brasil" In: *Revista Travessia*, ano XV, no. 44, set/dez 2002.

_____. *Romanceiro da imigração japonesa*. São Paulo: Ed. Sumaré, Fapesp, 1993.

VÁRIOS AUTORES. *Uma Epopéia Moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec/ Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.

WILLEMS, Emílio. *Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo, 1940.

|

|